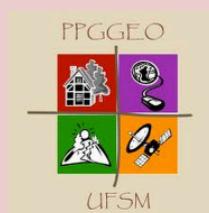


# Geógrafas e Trajetórias Múltiplas Pesquisas



## Organização

Carla Pizzuti Savian  
Daniele Araújo Ferreira  
Maria Vitória Zancanaro  
Vitória Menezes Contessa



1ª Edição

G345 Geógrafas e trajetórias [recurso eletrônico] : múltiplas pesquisas / organização Carla Pizzuti Savian ... [et al.]. – 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, CCNE, Curso de Geografia, PPGGEO, As Minas da Geo, 2024. 1 e-book : il.

Inclui referências bibliográficas.

Livro organizado pelo Coletivo As Minas da Geo do curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Maria, reunindo trabalhos de mulheres geógrafas de diferentes universidades do Brasil que possuem contato com o Coletivo. ISBN 978-85-64049-53-6

1. Geografia - Pesquisa 2. Pesquisa geográfica 3. Mulheres cientistas - Geografia 4. Geógrafas 5. Coletivo As Minas da Geo I. Savian, Carla Pizzuti

CDU 911  
911(81)

Ficha catalográfica elaborada por Maria Helena de Gouveia - CRB-10/2266  
Biblioteca Central – Processos Técnicos - UFSM

Informações para referência: SAVIAN, C. P.; FERREIRA, D. A.; ZANCANARO, M. V.; CONTESSA, V. M. (org.). **Geógrafas e Trajetórias: Múltiplas Pesquisas**. 1ª ed. Santa Maria: Manancial - Repositório Digital da UFSM, 2024.

# Integrantes

DO COLETIVO AS MINAS DA GEO

**Bruna Maltauro Tomazoni**

**Carla Pizzuti Savian**

**Daniele Araújo Ferreira**

**Diulha Prestes Lottermann**

**Ellen Rilarity da Rocha Tassinari**

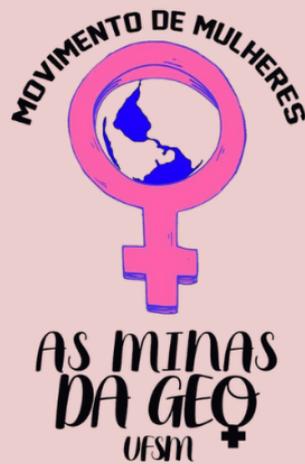
**Jheiny Carolina Amarante de Souza**

**Luana Writzl**

**Maria Vitória Zancanaro**

**Missaela dos Santos Soares**

**Vitória Menezes Contessa**



# Comissão Científica

A comissão científica do e-book é composta por mulheres da Geografia da Universidade Federal de Santa Maria, desde a graduação, passando por acadêmicas matriculadas no mestrado e no doutorado na mesma instituição.

**Amanda Rech Brands**

**Carla Pizzuti Savian**

**Claudia Elisa Lanes Dorneles Souza**

**Daniele Araújo Ferreira**

**Franciele Delevati Ben**

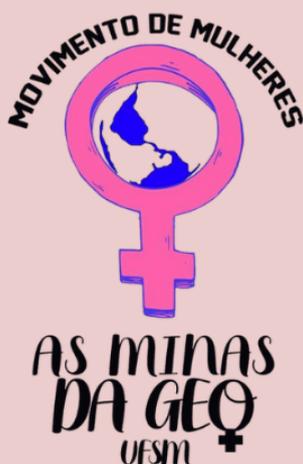
**Jhennifer Tais Vieira Habowski**

**Liliane Milani de Moraes**

**Luana Writzl**

**Maria Vitória Zancanaro**

**Thaís Gomes Torres**



# Comissão Editorial

**Andrea Valli Nummer - Doutora em Engenharia Civil (Geotecnia) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

**Carina Petsch - Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

**Cláudia Luísa Zeferino Pires - Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

**Natália Lampert Batista - Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria**

**Taiane Flôres do Nascimento - Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria**

**Tascieli Feltrin - Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria**



# Apresentação

Daniele Araújo Ferreira  
Vitória Menezes Contessa

Podemos dizer que, os termos gênero e feminismo figuram no contexto acadêmico há algumas décadas e sob várias áreas do conhecimento, tal debate tem sido enriquecido e acalorado cada vez mais pela magnitude das pesquisas e trabalhos que envolvem esta temática. Porém é necessário entender que são termos que se diferem, no entanto se atravessam, uma linha tênue na cotidianidade e corporeidade de milhares de mulheres.

As experiências vividas por mulheres geógrafas e outras acadêmicas, estão imbricadas na constituição delas como cientistas e em uma diversidade de lugares e estereótipos majoritariamente masculino, que contempla a realidade acadêmica não só no Brasil, mas ao redor do mundo.

A trajetória das mulheres na ciência ainda é uma cultura baseada no “modelo masculino de carreira”, como dito por Lea M. S. Velho, que envolve compromissos de tempo integral, relações altamente competitivas, alta produtividade em pesquisa e a valorização das características masculinas que de certa maneira dificultam, restringem e racionalizam as mulheres neste contexto, ou seja, no ambiente acadêmico. É por esses e outros inúmeros motivos que o Coletivo As Minas da Geo buscou conhecer, encorajar e enaltecer a Trajetória Acadêmica e Profissional de um Grupo de Mulheres, todas Geógrafas, com intuito de ampliar a visibilidade das pesquisas e trabalhos destas mulheres cientistas que na maioria das vezes são silenciadas e as vezes atropeladas por esse machismo acadêmico estrutural.

Foi através desta perspectiva e percebendo a real necessidade de trazer esse tema para um debate e discussão dentro da Universidade Pública Federal, um grupo de mulheres acadêmicas se articulou para que pudessem viabilizar diferentes eventos e gerar a publicação deste ebook com pesquisas de mulheres que participaram de atividades do coletivo em 2023.

A articulação foi feita por mulheres discentes do curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Maria/RS. O curso de Geografia nas modalidades licenciatura e bacharel, em 2025 completará 60 anos e está vinculado ao Centro de Ciências Naturais e Exatas (CCNE). A saber suas atividades estão concentradas, principalmente no Prédio 17, lugar que tem ocorrido diversos debates, problematização e diálogos sobre a ocupação e construção do espaço geográfico pelas mulheres discentes do curso, ressaltando que tal contexto também contempla as mulheres pesquisadoras da Pós-Graduação.

Atualmente, para nossa satisfação, o curso de Graduação em Geografia, conta com uma mulher como coordenadora, a jovem Professora Doutora Natália Lampert Batista,

que por nós sempre é aclamada, e que se mantém com veemência neste lugar, bravamente a cada dia resistindo ao ambiente acadêmico machista que é uma realidade dentro das maiorias das Universidades e na UFSM não é nada diferente. Passados alguns anos, após a criação do curso de graduação em Geografia, um grupo de professoras(es) se articula para que tivesse início o Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO), que hoje contempla as modalidades de Mestrado e Doutorado.

Posto tais informações, chegamos ao Coletivo “As Minas da Geo”, um movimento de mulheres que foi articulado e criado dentro da Universidade Federal de Santa Maria/RS, no ano de 2016. Este ano muito emblemático para o ambiente universitário pois aconteciam os protestos contra a PEC 241 do Teto de Gastos e foi o curso de Geografia que iniciou as ocupações dentro desta universidade.

Para além de toda esta movimentação, o coletivo tem tido um papel importante no cotidiano das mulheres discentes do curso de Geografia, pois este tem ouvido e acolhido as calouras que chegam todos os semestres, buscando assim diminuir o sentimento de solidão que sempre nos assola quando estamos sós, neste caso na universidade e as diversas nuances que estão presentes nesta fase de nossas vidas. Também sempre na tentativa de levar a mensagem de que existimos, estamos presentes para apoiar, acolher, encorajar, ajudar e criar de forma coletiva.

O Coletivo então nasce desta chama, quando se faz necessário o uso mais potente da nossa voz, a VOZ das Acadêmicas do Curso de Geografia da UFSM/RS. A partir desse Coletivo, sentimos a nossa Voz, a nossa Força, Articulação e Confiança, pois o Coletivo As Minas da Geo é sobre todas que vieram antes de nós, as que fazem o hoje e as que virão para conosco somar nesta Luta, diária, constante, legítima e incansável.

É a partir da força dessas vozes femininas, que mais uma vez nos articulamos e iniciamos os diálogos sobre a possibilidade de realizar o evento Geógrafas e Trajetórias, em meio a muitas conversas pelos corredores, em sala de aula e nos cafés que aconteceram no inverno do ano de 2023, tais momentos aconteciam como forma de nos acolher e aquecer na universidade.

A partir dos primeiros encontros naquele inverno, percebemos que as falas das estudantes/discentes do curso de geografia eram muito semelhantes. Tais falas iam de encontro à presença marcante de uma rede formada por um patriarcado misógeno e suas perversas conexões que ao longo de séculos discriminam de diversas formas a expressão dos corpos femininos e suas manifestações.

Durante os encontros e (re)encontros que aconteceram como forma de acolhimento e afeto entre as integrantes do coletivo, percebemos que muitas vezes, os saberes e questionamentos destas mulheres acadêmicas e pesquisadoras estavam sendo questionados, deslegitimados e muitas vezes não considerados.

A partir de tais nuances detectadas, decidimos organizar uma roda de conversa entre várias integrantes do Coletivo com o intuito de organizar um evento científico para que pudéssemos de forma livre, legítima e acadêmica divulgar e apresentar as pesquisas em andamentos das discentes de graduação e pós-graduação do curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Maria, situada na área central no interior do Rio Grande do Sul.

Foi diante desta ótica, que o Coletivo através de sua articulação interna, promoveu

com muito orgulho e sororidade entre várias mulheres o evento nomeado Geógrafas e Trajetórias Múltiplos Olhares, Múltiplas Pesquisas, que ocorreu de forma híbrida com o com intuito de contemplar o maior número de mulheres Geógrafas da Graduação e Pós-Graduação da UFSM e de outras Universidades do Brasil.

O evento ocorreu nos dias 17 e 18 de outubro de 2023, online no dia 17 e presencial no auditório Marie Curie no dia 18, contou 25 trabalhos inscritos nas mais diversas temáticas da Geografia, onde as autoras principais são todas mulheres e geógrafas, um cine-debate mediado pela nossa colega Jheiny Carolina A. Souza, o filme Formigueiro, com produção independente, que retrata o cenário de milhares de mulheres brasileiras em diferentes contextos de luta e resistência.

Além disso, ocorreu uma mesa redonda online, que foi transmitida pelo canal Youtube e que contou com a participação das Professoras Ludymilla Gonçalves, Doutora Thais Rocha e Doutora Taiane Nascimento, onde a mediação foi da nossa colega integrante do Coletivo As Minas da Geo Doutoranda Daniele Araújo Ferreira.

Para além desse evento, com redes fortalecidas, pensou-se na organização deste e-book, com trabalhos de mulheres geógrafas de diferentes universidades do Brasil, as quais por meio da rede social Instagram do coletivo, interagem e trocam informações sobre as diferentes atividades do coletivo. A trajetória das Mulheres, Geógrafas, Geógrafas em formação, mestres e doutoras se traduz na sua ciência com um quê de resistência nas mais diversas áreas da Geografia.

**Viva as mulheres, acadêmicas e pesquisadoras, Viva As Minas da Geo.**

### **Agradecimentos**

**Agradecemos especialmente ao Coletivo As Minas da Geo**

**Às Professoras Natália Lampert Batista (PPGGEO/UFSM) e Carina Pesch (PPGGEO/UFSM) pelo apoio incondicional na realização de um evento em outubro de 2023.**

**Às Professoras: Dr<sup>a</sup> Taiane Nascimento, Dr<sup>a</sup> Thais da Rocha e Prof<sup>a</sup> Ludmylla Gonçalves, pela gentileza em compor uma Roda de Conversa organizada pelo coletivo em 2023.**

**Às Comissões científica e editorial do presente e-book.**

# Sumário

A AUTONOMIA ECONÔMICA DE MULHERES PERIFÉRICAS DO BAIRRO BELA VISTA DO JÚA EM FRENTE A AÇÃO “EMPREENDEDORISMO FEMININO DE IMPACTO SOCIAL” .....	10
AGRICULTURA BIODINÂMICA: APONTAMENTO SOBRE SEU USO.....	14
ALÉM DE MAPAS: A CIÊNCIA GEOGRÁFICA NA FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS.....	18
ANÁLISE E MAPEAMENTO DOS EQUIPAMENTOS URBANOS DA CIDADE DE AJURICABARS.....	23
COMIDA TÍPICA REGIONAL: O CASO DE MINAS GERAIS.....	28
DE GOLE EM GOLE: ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA E SUAS INTENÇÕES DE PESQUISA NO ENOTURISMO.....	32
DÉFICIT HÍDRICO: UM ESTUDO DE CASO EM CACEQUI/RS NOS ANOS 1958 À 2020.....	36
ELABORAÇÃO DE MAPAS TEMÁTICOS E ORGANIZAÇÃO DE BANCO DE DADOS COMO SUPORTE AO PLANEJAMENTO AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE UNISTALDA/RIO GRANDE DO SUL.....	41
ESTRATÉGIAS INTEGRADAS À PESQUISA: O ESTUDO DE ÁREAS DE RISCO EM PEQUENOS E MÉDIOS MUNICÍPIOS.....	46
GEOGRAFIA LITERÁRIA - NOVAS ABORDAGENS PELA GEOGRAFIA.....	51
OFICINAS DE ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA COM O USO DO GOOGLE EARTH: MAPEANDO COM A VISÃO DOS PASSARINHOS.....	57
POR QUE UTILIZAR A METODOLOGIA DE MODELAGEM PARTICIPATIVA 3D (MP3D) PARA MAPEAR ALAGAMENTOS E INUNDAÇÕES COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL?.....	63
RELATO SOBRE OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA PESQUISA ACERCA DE DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS EM SÃO BORJA/RS.....	67

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

### A AUTONOMIA ECONÔMICA DE MULHERES PERIFÉRICAS DO BAIRRO BELA VISTA DO JÚA EM FRENTE A AÇÃO “EMPREENDEDORISMO FEMININO DE IMPACTO SOCIAL”.

*Geovana Kellen de Azevedo Guimarães<sup>(1)</sup>*

<sup>(1)</sup>Universidade Federal do Oeste do Pará, [kellenguimaraes14@gmail.com](mailto:kellenguimaraes14@gmail.com)

---

**Resumo:** Esse artigo refere-se a análise de uma ação feita pela “A Incubadora de Empreendimentos Solidários, promovida pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)”, onde teve a sua primeira oficina com o tema “Empreendedorismo Feminino de Impacto Social: plantando um capital semente na ocupação Bela Vista do Juá”. Esse trabalho tem como objetivo mostrar e analisar a busca da autonomia econômica e empreendedorismo de mulheres periféricas do bairro bela vista do juá, através da ação de empreendedorismo feminino, e como isso fortalece seus empoderamentos e lutas dentro do seu lugar. A metodologia usada para essa pesquisa teve como base a coleta de dados sobre o projeto e como ela se estendeu durante a prática, visando entender a realidade das mulheres por meio de leituras e coleta de informações. Diante disso, compreende-se por meio de resultados levantados, a importância de projetos nas comunidades periféricas voltada para as mulheres em situação de vulnerabilidade social, entendendo que por meio desses projetos e da coletividade e apoio de outras mulheres, elas tendem a ter mais oportunidade de explorar sua autonomia.

**Palavras-chave:** Gênero; Mulheres; Empreendedorismo; Lugar.

---

## INTRODUÇÃO

Em meio às reflexões que são abordadas quando se fala em como a mulher periférica vive dentro do seu lugar em meio às desigualdades sociais que as cercam, encontra-se diversas situações que fazem parte de um cotidiano marcado por um padrão carregado de um olhar do patriarcado e preconceitos de gênero, classe, raça, e estereótipos que são construídos para invisibilizar a mulher periférica. Esse trabalho tem como objetivo mostrar e analisar, como as ações sociais podem fortalecer e trazer outras possibilidades para a busca da autonomia econômica das mulheres periféricas, e como isso se torna importante para o resgate do seu reconhecimento, tanto do lugar, como do seu próprio corpo. Diante disso, busca-se entender por meio dessa reflexão, o que pode ser feito para mudar esse cenário padronizado e imposto socialmente nesses corpos periféricos dentro do seu lugar, para que assim, esses sujeitos possam ter reconhecimento da sua autonomia e serem protagonistas do seu espaço.

Para isso, através do programa A Incubadora de Empreendimentos Solidários, promovida pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), teve a sua primeira oficina com o tema “Empreendedorismo Feminino de Impacto Social: plantando um capital semente na ocupação Bela Vista do Juá”, com parceria na sede Clube da luta feminino. Esse projeto teve como ponto de partida estimular a autonomia econômica das mulheres periféricas do Bairro Bela Vista do Juá, tendo como base a econômica e feminismo solidário como ponto central, visto que, um dos fatores que contribui para a invisibilidade e falta desse conhecimento é que muitas mulheres que moram

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

em periferias não têm oportunidades de acesso a programas e projetos que conscientizem a sua autonomia e seu bem estar, ou também porque são restritas e limitadas a não ter conhecimento sobre esses assuntos por serem ocupadas sendo mães de família e donas do lar, um claro cenário presente na vida de muitas mulheres brasileiras que acabam se doando pelo trabalho de cuidado e não ter tempo para investir em si mesma.

Outra relação é seu próprio lugar, e aqui será usado o conceito lugar da geografia, que é muito usado por essa ciência e que trás muitas interpretações do ser no espaço geográfico. Para Tuan (1983), o lugar é marcado por três palavras-chave: percepção, experiência e valores. Os lugares guardam e são núcleos de valor, por isso eles podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias (*insider*) e relações externas (*outsider*). O lugar se torna importante nesse debate porque resgata os significados e a importância da mulher dentro do seu espaço, até que ponto o lugar pode criar limites? Algumas vezes até seu próprio lugar torna-se uma prisão, é preciso despertar para sair dele. A abordagem que se traz aqui, é que em muitos casos, essas mulheres não reconhecem seu corpo, pois vivem em uma bolha onde é determinado o papel delas, criando uma barreira e limites.

Em outra análise, se tem o preconceito do lugar onde elas vivem, algumas mulheres acabam reconhecendo que o seu "lugar" na periferia, é aquele olhar criado pelos estereótipos internos e externos, onde a mulher periférica tem que cumprir seus deveres por pertencer a periferia, tirando todos os direitos de sua autonomia e independência, reproduzindo isso na sua mente e aceitando o que acaba influenciando a maneira de lidar com o seu corpo. O corpo periférico representa um grupo social e não uma individualização. O que busca compreender nesta dinâmica de centralidade junto à construção social é como esses processos sociais podem repercutir em efeitos de rejeição e objetificação deste corpo, agora, sim, individualizado (Silva, 2020). Por essa questão, durante esse percurso foi usado a escala lugar, desde o corpo até o local para entender essa realidade vivenciada na periferia.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia usada para essa pesquisa teve como base a coleta de dados sobre o projeto e como ele se estendeu durante a prática. A primeira fase do projeto foi composta por seis módulos, que consistiam em promover capacitação para 14 mulheres em condição de vulnerabilidade socioeconômica, sendo chefes de família ou microempreendedoras que moram na área de ocupação Bela Vista do Juá, em Santarém. Neste primeiro módulo, o objetivo foi trabalhar o conceito e as características do empreendedorismo e compartilhar o relato de experiência. Logo após a fase de capacitação, foram selecionados seis empreendimentos que receberão um capital semente e consultoria gerencial ofertada pelos alunos dos cursos de Gestão Pública e Desenvolvimento Regional e Ciências Econômicas da Ufopa. Além da coleta de dados, houve também leituras que ajudaram a compreender a pesquisa por um olhar da geografia, onde gênero e lugar se tornam os dois pontos principais para analisar a situação das mulheres, entendendo o porquê é tão importante compreender essa busca da autonomia econômica dentro do seu espaço.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

**Figura 1:** Mulheres na sede do clube da luta.



**Figura 2:** Palestra da empreendedora Cris.



Fonte: Tapajós de fato.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto apresentado consistiu em capacitar as mulheres (Figura 1 e 2), que participam do Clube sobre diversos temas que envolvem o empreendedorismo, assim colaborando com o fortalecimento individual de cada empreendedora para crescerem com seus negócios e assim contribuir à emergência desse tipo de reflexão através da identificação das principais categorias e escalas empregadas na análise da economia solidária e na literatura feminista sobre as organizações de mulheres.

Compreende-se por meio de resultados, a importância de projetos nas comunidades periféricas voltada para as mulheres em situação de vulnerabilidade social, entendendo que por meio desses projetos, elas tendem a ter mais oportunidade de explorar sua autonomia, de criar seu próprio empreendedorismo, além de ter mais motivação de sair daquele padrão que é sempre imposto para as mulheres, tanto pelo seu gênero, quanto para o lugar que elas vivem.

Além disso, ressaltar a importância de trazer políticas e o coletivo de mulheres que abrace todas as causas, pois é necessário ter um feminismo amplo, que lute pelas causas das debaixo, e também poder desmistificar o que seria esse lugar para essas mulheres, onde o espaço que elas vivem se torne um lugar de possibilidades, e não de prisão, onde o corpo delas possa se movimentar e ir além das barreiras, e através disso conquistar sua liberdade pessoal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho possibilitou compreender a importância da autonomia econômica de mulheres periféricas dentro e fora do seu lugar, na qual ampliou rever uma luta constante pela visibilidade e liberdade na sociedade, e entender que essa discussão é palco para muitos debates, pois nem sempre a periferia recebe atenção, principalmente essas mulheres que são a própria resistência do seu dia a dia e são as mais injustiçadas dentro do seu lugar. Por isso é tão importante dar destaque a essa luta

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

e ver mais mulheres alcançando sua independência financeira, sendo donas de si e se conhecendo mais, a importância de políticas públicas, de ações que promovam o bem estar feminino é fundamental para isso, dando ênfase novamente ao coletivo de mulheres, na qual se torna um apoio maior para essa luta, fazer um feminismo solidário é fazer parte da luta dos debaixo, e é dentro dessa perspectiva que o lugar deve ser considerado um conceito de possibilidades e construção na sociedade.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, J. B. da. **Corpo Periférico:** Reflexões Sobre Espaço, Pertencimento E Visibilidade Social. 2020. 21p. Especialização (curso de pós-graduação lato sensu Mídia, Informação e Cultura) - Centro de Estudos Latino Americano de Comunicação e Cultura da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

TRAPAJÓS DE FATO. Clube da Luta Feminina e Ufopa iniciam oficina de empreendedorismo para mulheres da periferia de Santarém. **Trapajós de Fato**, s/d. Disponível em:  
<https://www.tapajosdefato.com.br/noticia/722/clube-da-luta-feminina-e-ufopa-iniciam-oficina-de-empreendedorismo-para-mulheres-da-periferia-de-santarem>.

TUAN, Y. F. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de oliveira. São Paulo, Rio de Janeiro: DIFEL , 1980.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

### AGRICULTURA BIODINÂMICA: APONTAMENTOS SOBRE SEU USO

*Alberta von Mühlen Bertele<sup>(1)</sup> e Luciana Belizio<sup>(2)</sup>*

<sup>(1)</sup>Programa de Pós-Graduação em Geografia em nível de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria. [albertabertele@gmail.com](mailto:albertabertele@gmail.com)

<sup>(2)</sup>Programa de Pós-Graduação em Geografia em nível de Doutorado, Universidade Federal de Santa Maria. [lucianabelizio@hotmail.com](mailto:lucianabelizio@hotmail.com)

---

**Resumo:** A partir da temática da disciplina de Desenvolvimento Rural Sustentável A, do Programa de Pós – Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria- RS, as autoras se interessam em realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a temática para uma avaliação escrita. Assim, a temática de Agricultura Biodinâmica, aqui apresentada, é um recorte teórico de uma pesquisa, ainda, em desenvolvimento. Desta forma, a intenção é auxiliar no fomento da Agricultura Biodinâmica como um método a combater a degradação ambiental, espiritual e social ocasionado pelo sistema do agronegócio tradicional. Além de ser um novo movimento social e ambiental. Proposta essa vinculada a Organização das Nações Unidas- ONU pela Agenda 2030, que contempla Os objetivos de Desenvolvimento Sustentável- ODS da ONU.

**Palavras-chave:** Agricultura Sustentável; Agricultura Biodinâmicas; Método Agroecológico; Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil.

---

## INTRODUÇÃO

As autoras desse artigo se interessaram pela temática na cadeira de Desenvolvimento Rural Sustentável A do Programa de Pós – Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria -RS. A partir dessa temática exposta em aula e com a proposta de realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a temática para uma avaliação escrita. As autoras escolheram a temática de Agricultura Biodinâmica. O que será apresentado aqui é um recorte teórico da temática, por ser a parte inicial da pesquisa já desenvolvida pelas autoras em aula. No entanto, pretendem ampliar esta pesquisa do decorrer dos próximos semestres, já que contribui para os objetos de pesquisa das autoras no do Programa de Pós – Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria -RS.

Assim, a Agricultura Biodinâmica surgiu como um processo contra hegemônico do agronegócio brasileiro. Conforme Lobo (2019), esse paradigma hegemônico remete à chamada agricultura convencional como técnica de produção e ao agronegócio como modelo de desenvolvimento agrícola, na qual utiliza-se de um processo científico-tecnológico e gera uma agricultura baseada em fertilizantes químicos-sintéticos de alta solubilidade, por exemplo.

Logo, pode-se perceber que a agricultura biodinâmica traz um novo movimento social e ambiental, pois traz a natureza para o centro do questionamento, em especial, pela degradação socioambiental gerada pela agricultura convencional e pelo agronegócio. Segundo dados revelados pela Organização das Nações Unidas- ONU da Agenda 2030 do Brasil, afirma que a população mundial aumentará 37,3% até 2050, para 9,2 bilhões. Este aumento será absorvido, em sua maioria, pelos países em desenvolvimento, como o Brasil. E isso significa maior demanda por alimento e maior uso dos nossos solos agrícolas, ocasionando o seu esgotamento nutricional (ONU, s.p., 2023).

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

Destaca-se, em uma demanda mundial, o incentivo e pesquisas sobre métodos agroecológicos, como a agricultura biodinâmica, vinculada às ações da ONU e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil, promovidos pela Agenda 2030. Por ser um dos objetivos que se relaciona com a agricultura biodinâmica é o consumo e produção responsáveis para garantir padrões de consumo e de produção sustentáveis.

A agricultura biodinâmica é conhecida por sua essência de ser uma unidade agrícola, um organismo integrado, diversificado e autossustentável. Sua base é a agricultura orgânica, definida como um conjunto de processos de produção agrícola, com o pressuposto de que a fertilidade é uma função direta da matéria orgânica contida no solo (Ormond *et al.*, 2002). Dessa forma, a agricultura se baseia em diversos processos que se complementam, e possui um apoio mútuo ao ponto de serem denominados de ciclo fechado.

### **SOBRE O MÉTODO DE AGRICULTURA BIODINÂMICA**

Agricultura biodinâmica é um método de agricultura que não utiliza produtos químicos, e assim, preserva o ciclo natural de crescimento da plantação, além de considerar as estações do ano e as fases da lua no seu sistema integrado, diversificado e auto sustentável de produção.

O conceito dessa agricultura vem da integração entre homem e o universo e pela busca da harmonia entre eles. A Agricultura biodinâmica permite um caminho para se conhecer a natureza e para se conectar com ela. O movimento biodinâmico teve origem na década de 1920, na Polônia, a partir de oito encontros promovidos e proferidos pelo Rudolf Steiner, um filósofo que viveu entre 1861 e 1925 (Koept, 1983). Steiner demonstrou que a vida se manifestava na sua intencionalidade, não em uma abordagem racionalista, mas por uma observação espiritual com foco na organização biológica para compreender a origem cosmogênica da vida e do universo.

Portanto, a agricultura biodinâmica pode ser considerada como a “tentativa do homem de não se isolar da natureza”, porém para que isso aconteça, o homem deve utilizar métodos de forma mais natural possível, “unindo as atividades humanas aos ritmos puros e vitais da natureza” (Schorr, 2001).

Essa ação, desenvolve uma cultura de grande pureza de naturalidade, na qual visa “libertar o homem dos vícios da ignorância, artificialismo, e dos mecanismos de excessivas programações e robotização expostas no sistema capitalista atual” (Schorr, 2001). Contudo, isso pode resultar no desprezo da tecnologia consumista da produção agrícola, para uma experiência científica sustentável com a agricultura biodinâmica e seus princípios.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir dos princípios da Agricultura Biodinâmica a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária- EMBRAPA expõe as características próprias da agricultura biodinâmica destacando o uso de preparados biodinâmicos como a Homeopatia e o acompanhamento do calendário astronômico que se baseia pelas das fases da lua, como também outros astros, como os signos para reger os elementos da terra.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

Desta forma, os princípios da agricultura biodinâmica (Lockie e Halpin, 2005), visa compreender o homem como um ser espiritual que interage com a natureza que observar e aliar-se aos seus ritmos vitais e antevê sua propriedade agrícola como um organismo agrícola; para que seja possível valorizar o ensinamento e a pesquisa de ritmos cósmicos e terrestres, despertando elevados interesses sobre os fenômenos, processos astronômicos e radiônicos que como influência as preparações homeopáticas, sazonalidade, temperatura, clima, botânica, entre outros, por meio do uso do calendário lunar.

Os objetivos de Desenvolvimento Sustentável- ODS da Organização das Nações Unidas (s.p., 2023) traz a ODS número 2, que tem relação com à fome zero e agricultura sustentável. A ONU visa que todas as pessoas passem a ter acesso a alimentos “seguros, nutritivos e suficientes” em qualquer época e em qualquer país, para isso pode-se elencar algumas metas específicas da ONU (s.p., 2023) que se harmoniza com os objetivos da agricultura biodinâmica: acabar com todas as formas de desnutrição; dobrar a produtividade agrícola e a renda dos pequenos produtores de alimentos; sistemas sustentáveis de produção de alimentos.

Conseqüentemente a agricultura biodinâmica pode auxiliar nos objetivos da ONU (2023) em relação a uma produção sustentável, já que promove um método de cultivo biodinâmico que estão relacionadas à capacidade de regenerar as paisagens e a produtividade do solo, além de produzir e economizar água e demais recursos naturais. Além disso, esse sistema evita o uso de químicos prejudiciais à saúde humana e às plantas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que a Agricultura Biodinâmica é um método para combater a degradação ambiental, espiritual e social ocasionado pelo sistema do agronegócio. A agroecologia surge como uma alternativa de transformação produtiva do campo, buscando estancar a perda de florestas, solos e poluição dos recursos hídricos. O que faz da agricultura biodinâmica uma sugestão para revitalização do solo, aliada a um aumento de produtividade, fazendo com que a propriedade rural seja um sistema fechado, auto sustentável e equilibrado biologicamente e espiritualmente. Sendo assim, uma contraproposta viável ao agronegócio.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KOEPF, H. H.; PETTERSSON, B. D.; SCHAUMANN, W. **Agricultura Biodinâmica**. Trad. Andreas R. Loewens e Úrsula Szajewski. São Paulo: Nobel. 316p.1983.
- LOBO, C. E. de S. **Do pensar ao fazer: perspectivas filosóficas, conceituais e práticas acerca da agricultura biodinâmica no Brasil**. 2019. 154 p. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.
- LOCKIE, S. e HALPIN, D. The ‘conventionalisation’ thesis reconsidered: structural and ideological transformation of Australian organic agriculture. **Sociologia Ruralis**, v. 45, n. 4, p. 284-307, 2005.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

ONU. Organização das Nações Unidas. Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Os objetivos de Desenvolvimento Sustentável- ODS, 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em: junho de 2023.

ORMOND, J. G. P. *et al.* **Agricultura Orgânica**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 15, p. 3-34, mar. 2002.

SCHORR, M. **O que é Agricultura Biodinâmica?** Instituto Ânima. Santa Catarina, setembro de 2001. Disponível em: <https://ibeasa.org/wp-content/uploads/2021/01/O-que-e-agricultura-biodinamica.pdf>. Acesso em: junho de 2023.

VIÑA EMILIANA. Quem somos nós: história. Emiliana organic vineyards. Disponível em: <https://www.emiliana.cl/en/nosotros/historia/>. Acesso em: julho de 2023.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

### ALÉM DE MAPAS: A CIÊNCIA GEOGRÁFICA NA FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

*Gabriele Ewilin de Oliveira Ribas<sup>(1)</sup>*

<sup>(1)</sup>Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Paraná, gabriele.ribas@outlook.com

**Resumo:** O artigo investiga a contribuição da ciência geográfica para a formulação de políticas públicas, destacando a importância da multidisciplinaridade e interdisciplinaridade na pesquisa sobre políticas públicas. A pesquisa identifica desafios na integração da Geografia à Ciência Política, enfatizando a necessidade de superar barreiras interdisciplinares. A coleta de dados baseou-se na relação teórica entre multidisciplinaridade em Políticas Públicas, sob o método de análise dedutivo qualitativo, para explorar essa interconexão com a Geografia. A pesquisa enfatiza o potencial da ciência geográfica para enriquecer a ciência política, abordando questões sociais e naturais de maneira sensível, em que a Geografia traz uma perspectiva única, tornando-a valiosa na formulação de políticas públicas, seja por meio da multidisciplinaridade ou interdisciplinaridade. A pesquisa enfatiza a importância de mulheres ocuparem espaços que demandam a perspectiva geográfica, reforçando a necessidade de integrar a Geografia na formulação de políticas públicas para promover transformações sociais.

**Palavras-chave:** Ciência Política; Mulheres; Transformações sociais; Interdisciplinaridade; Multidisciplinaridade.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa questiona ‘como a ciência geográfica corrobora para a formulação de políticas públicas?’. Para iniciarmos o direcionamento desta pesquisa, se aponta que o diálogo de Políticas Públicas no Brasil inicialmente teve uma inclinação econômica e administrativa, contudo, reforça-se a ampliação do campo quando as abordagens assumem um caráter social.

A partir disto, para a inserção da ciência geográfica na ciência política, relacionamos a multidisciplinariedade<sup>1</sup> e interdisciplinaridade<sup>2</sup>, modalidades disciplinares diferentes que são apresentadas em conjunto na reconstituição de pesquisas e metodologias a respeito de referenciais teóricos e análises dos campos de estudos das Políticas Públicas (Farah, 2018). A interação destas modalidades agrega tanto problemáticas públicas, quanto sociais e, ocorre um desenvolvimento grande de pesquisas sendo publicadas e comentadas dentro das Ciências Políticas, a caminho do campo de pesquisa que vem se ampliando.

Faria (2018) dialoga que o enriquecimento e amadurecimento de pesquisas relacionadas às Políticas Públicas partem do coletivo multidisciplinar, mas que possuem os desestímulos, barreiras e constrangimentos. Esse cenário fica mais evidente quando pesquisas fogem do núcleo comum do que é compartilhado nesse coletivo, se direcionando ao coletivo interdisciplinar quando incluímos

<sup>1</sup> A multidisciplinariedade ocorre quando há a agregação de mais de uma ciência e/ou área de conhecimento em uma determinada problemática de pesquisa, sem que necessariamente ocorra a interação, alteração ou enriquecimento científico no processo (Faria, 2018).

<sup>2</sup> Na interdisciplinaridade há a interação de duas ou mais áreas da ciência e/ou de conhecimento, de forma que a investigação do processo científico envolva o compartilhamento e ampliação de teorias, ideias, práticas e metodologias de maneira conjunta (Faria, 2018).

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

outra área de pesquisa. Sabe-se que a Geografia é uma ciência humana<sup>3</sup>, logo, pesquisadoras ao se aventurarem na imersão de discussões da ciência política, ficam suscetíveis ao estranhamento de diálogos na academia.

Logo, justifica-se a necessidade de ocupar espaços, enquanto mulheres, em múltiplas ciências, mesmo que com a interdisciplinaridade e os desafios nela atrelados se tornem barreiras. O desenvolvimento de políticas públicas ao contemplar a perspectiva geográfica, proporciona uma análise social integrativa. Neste sentido, a insurgência desta pesquisa é apontar que a Geografia transcende a cartografia, que integra toda a dinâmica da sociedade no espaço geográfico, para ampliação de pesquisas e perspectivas.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é compreender como a ciência geográfica pode influenciar políticas públicas, promovendo uma abordagem multidisciplinar e interdisciplinar, com a participação das mulheres e na ampliação do campo de políticas públicas.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Operacionalmente, a coleta de dados desta investigação se baseou em uma relação teórica que contempla a multidisciplinaridade e/ou interdisciplinaridade no campo de Políticas Públicas, como direcionamento para a contribuição da atuação de geógrafas neste campo de pesquisa. A interpretação dos dados coletados se configura sob o método de análise dedutivo qualitativo, que segundo Assis (2009), permite a conexão entre a formulação do problema e a investigação dos resultados, sendo destes a relação de uma ciência/área do conhecimento (Políticas Públicas), com o vínculo e interação com outras (Ciência Geográfica).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há a necessidade de mulheres ocuparem espaços em diversas áreas – não apenas na Geografia, superando os obstáculos da multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, se faz evidente nos dados. A Organização das Nações Unidas – ONU (2023), expõe que mulheres ocupam cerca de 33,3% dos espaços de pesquisa e que mesmo com uma representação e participação desigual, trazem mais resultados do que homens. Assim, percebe-se que a presença de mulheres na ciência deve ser incentivada, não apenas como uma iniciativa de inclusão, mas de oportunidades igualitárias dentro dos campos de pesquisas acadêmicas. Neste sentido, esta pesquisa assume o direcionamento de potencializar a ciência política para geógrafas em suas variadas linhas de atuação teóricas e práticas.

---

<sup>3</sup> A classificação do campo da ciência geográfica nesta pesquisa se assume como uma ciência humana. Corroborando com Maria Adélia A. Souza (2011), a Geografia vem passando por uma relativização científica, em que sua classificação oscila dentro de uma instância social e científica que temos vivenciado de forma intensa, assumindo os campos de ciência humana e/ou social na maioria das vezes, mas também da natureza. Nesse sentido, o que difere essa classificação são as técnicas adotadas por pesquisadoras(es) que investigam os fenômenos do espaço geográfico e, para esta pesquisa, a multidisciplinaridade e interdisciplinaridade do campo geográfico com a ciência política, classificada dentro do campo da ciência social.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

A complexidade em abordar duas ciências e relacioná-las como uma experiência interdisciplinar se faz presente nesta discussão. Contudo, iniciamos com a exposição da ciência geográfica como uma ciência humana, que possui as categorias tradicionais, sendo o espaço, território, lugar, região e paisagem e, as subcategorias, podendo ser da educação, ensino de geografia, geografias feministas e das sexualidades, fenomenologia, geografia da saúde, geografia do turismo, geografia econômica, demografia, geografia cultural entre outros campos de atuação que geógrafas possam assumir e desenvolver pesquisas. E, mesmo com esta complexidade, assume-se a análise da produção do espaço a partir do subjetivismo social, que é inesgotável, com interações e intencionalidades próprias (Pereira; Lima; Paiva, 2016).

A inclusão da Geografia (humana) na ciência política (social) pode ser pela multidisciplinaridade, em que há pontos próprios da ciência que são aproveitados nas discussões de políticas públicas, exemplificando o principal, que são os diálogos acerca da economia (Harvey 2004), de uma globalização econômica (Harvey, 2005) e do território (neste, não há o aproveitamento de análise geográfica enquanto categoria de análise, o que torna uma fragilidade metodológica na ciência política a ser aproveitado e contemplado por geógrafas). Mas este cenário dentro do que os currículos, docências e linhas teóricas permitem, já que a multidisciplinaridade agrega nas discussões os conceitos, invés de ampliá-los.

E, para a interdisciplinaridade há a oportunidade de enriquecer a pesquisa de políticas públicas com o pensamento geográfico, a partir dos subcampos que geógrafas assumam em suas discussões, levando consigo a sensibilidade do espaço geográfico a ser entendido como fato social. Além disso, a perspectiva geográfica, como uma ciência integrativa da realidade, pode ser valiosa para o desenvolvimento de políticas públicas que abordem questões sociais e ambientais.

Em Políticas Públicas, toda a elucidação metodológica de uma proposta perpassa por um ciclo apresentado por Secchi (2022), composto por sete etapas, sendo: i) identificação do problema; ii) formação de agenda; iii) formulação de alternativas; iv) tomada de decisão; v) implementação; vi) avaliação e; vii) extinção. A partir deste ciclo, são geradas alternativas e propostas para agregar soluções sociais sobre algum problema, o que retoma a problematização desta pesquisa: como a Geografia corrobora para o funcionamento deste ciclo?

Em toda a construção científica e histórica da Geografia, desde Carl Ritter (1779-1859) com a geografia metodológica natural e de Alexander von Humboldt (1769-1859) com suas análises sobre a Terra ou; de Friedrich Ratzel (1844-1904), com o diálogo da relação do homem (hoje, considerado sobre a sociedade, uma vez que contemplamos pessoas nas discussões) e o meio em que ele se insere, em que o social e o natural estariam voltados para o progresso de uma sociedade, da dominação como desenvolvimento de um povo, focalizando na expansão e; de Vidal de La Blache (1845-1918), que define o objeto de estudo da Geografia como a relação do homem (sociedade) com a natureza, objeto que ainda se mantém, percebemos assim a fluidez acerca dos desdobramentos da ciência geográfica.

Esta fluidez atinge a inesgotável subjetividade de análise geográfica, que contempla o todo, no qual é denominado como espaço geográfico. Disto, relacionamos a perspectiva do espaço como um fato social, que é produzido e é vivenciado (Pereira; Lima; Paiva, 2016). A partir desta sensibilidade, geógrafas e geógrafos problematizam a realidade, atingindo aos processos de

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

transformação social, de forma que se torna sensível às problemáticas sociais e naturais, como impacto, necessidade ou produção humana (Souza, 2011).

Isto posto, a influência teórica e empírica do saber geográfico tem potencial de agregar a ciência política. A constante transformação de análise do saber científico geográfico, com a ampliação das subcategorias anteriormente comentadas, atingem a sensibilidade necessária para a formulação de Políticas Públicas. Podendo ser atuada tanto na modalidade multidisciplinar, com apenas trocas de saberes, como na interdisciplinar, com a ampliação do mesmo, de forma integrativa e que forneça a transformação necessária para a realidade social.

A Geografia possui uma sensibilidade que é apenas dela. Ao tornar-se geógrafa/o, descobre-se uma outra forma de olhar, com uma visão problematizadora da realidade. E, com isto, esses atributos fogem do censo de que a ciência geográfica é composta por representações cartográficas ou da percepção de uma geografia escolar (que é um subcampo). Portanto, faz-se a necessidade de ocupar espaços que necessitam desta percepção, sobretudo, por mulheres.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender a influência da ciência geográfica em Políticas Públicas, relacionando a multidisciplinaridade e interdisciplinaridade como direcionamento para geógrafas ocuparem espaços de pesquisa, a partir de suas sensibilidades e trajetórias geográficas. Desta forma, a formulação de políticas públicas se tornaria sensível à realidade problematizada, como recurso de transformação social.

Apesar de não ser um ponto central, a pesquisa se direcionou a demonstrar que a Geografia é mais do que produções cartográficas ou de uma geografia escolar. O direcionamento foi estabelecer uma perspectiva de integração entre os subcampos da pesquisa geográfica, potencializando oportunidades de influência nas Políticas Públicas.

Portanto, a fluidez da análise geográfica, que abrange o espaço geográfico, é influenciada pela perspectiva do espaço como um fato social, produzido e vivenciado. O conhecimento geográfico tem potencial para contribuir para a ciência política, especialmente na formulação de políticas públicas, seja de forma multidisciplinar ou interdisciplinar, promovendo a transformação necessária na sociedade.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, M. C. de. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

FARIA, C. A. P. de. A multidisciplinariedade no estudo das Políticas Públicas. *In*: MARQUES, Eduardo; FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. **A Política Pública como Campo Multidisciplinar**. SP: Ed. Unesp; RJ: Ed. Fiocruz, 2018.

FARAH, M. F. S. A contribuição da Administração Pública para a constituição do campo de estudos de políticas públicas. *In*: MARQUES, Eduardo; FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. **A Política Pública como Campo Multidisciplinar**. SP: Ed. Unesp; RJ: Ed. Fiocruz, 2018.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

HARVEY, D. **Novo imperialismo**. Edições Loyola, 2004.

HARVEY, D. **Produção Capitalista Do Espaço**. Annablume, 2005.

ONU, Organização das Nações Unidas. Mulheres e Meninas na Ciência trazem ainda mais resultados. ONU News: Perspectiva Global Reportagens Humanas. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2023/02/1809607>>. Acesso em 14 out. 2023.

PEREIRA, C. da S; LIMA, F. E. de S; PAIVA, R. S. O pensamento fenomenológico e a ciência geográfica: breves notas. **Revista Geotemas**, Vol. 6, n. 2, p.83-93, 2016.

SECCHI, L. **Análise de políticas públicas**: diagnóstico de problemas, recomendação de soluções. 5ª edição. São Paulo/SP: Cengage Learning, 2022.

SOUZA, M. A. A. de. Ciências Humanas e Sociais: Ciências moles? A propósito do trabalho científico nesta contemporaneidade. **Revista Da Pós-Graduação Em Geografia Da Universidade Federal Da Bahia (GeoTextos)**, Vol.7, n. 1, p.187-199, 2011.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

### ANÁLISE E MAPEAMENTO DOS EQUIPAMENTOS URBANOS DA CIDADE DE AJURICABA - RS

*Gabrieli Tais Drews Robeck<sup>(1)</sup>, Natália Lampert Batista<sup>(2)</sup>*

<sup>(1)</sup>Graduanda em Geografia Licenciatura, Universidade Federal de Santa Maria,, [gabrieli.robeck@acad.ufsm.br](mailto:gabrieli.robeck@acad.ufsm.br)

<sup>(2)</sup>Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Maria, [natalia.batista@ufsm.br](mailto:natalia.batista@ufsm.br)

---

**Resumo:** As pequenas cidades são espaços dinâmicos e em constante transformação, assim, se configuram como importantes espaços de análise e estudo. Este é o caso do município de Ajuricaba, Rio Grande do Sul, Brasil, o qual tem na soja sua principal atividade econômica (IBGE, 2022), estando inserido na lógica do agronegócio globalizado. Assim, utilizando-se do conceito de cidades do agronegócio, proposto por Elias e Pequeno (2007), buscaremos realizar uma análise dos equipamentos urbanos da cidade, tentando identificar se a cidade de Ajuricaba se configura como uma cidade do agronegócio.

**Palavras-chave:** Ajuricaba; Cidades do agronegócio; Equipamentos urbanos.

---

## INTRODUÇÃO

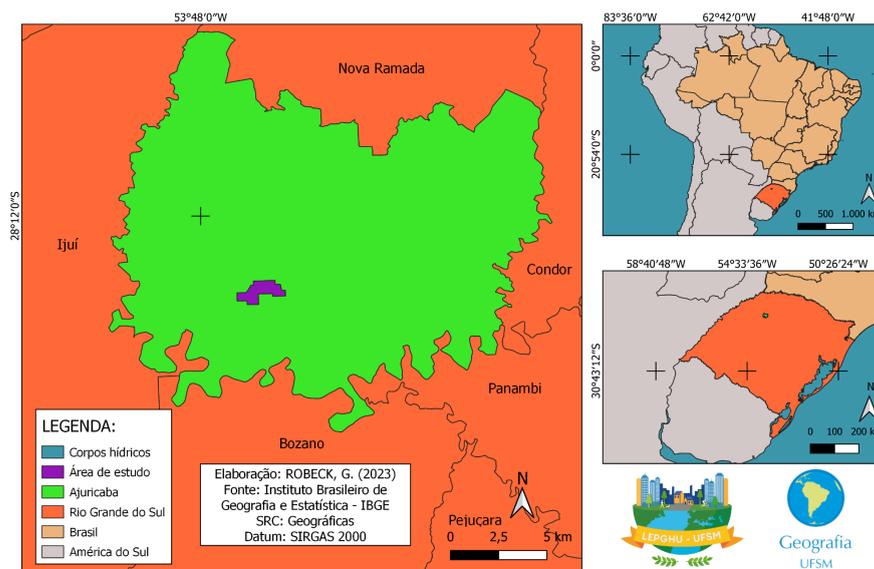
As pequenas cidades também se configuram como espaços dinâmicos e em constante transformação, apresentando dinâmicas singulares e conteúdos urbanos próprios (Manfio, 2021), assim, se configuram como importantes espaços de análise e estudo. Dentre os pequenos municípios brasileiros, temos Ajuricaba, localizada na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul que conta com uma população total de 6.720 habitantes, de acordo com os dados do último censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023). Analisando os dados referentes ao Produto Interno Bruto - PIB municipal do ano de 2022, disponível no Portal Cidades@ do IBGE, notamos que o município possui como principal atividade econômica a agropecuária, com destaque para a produção de soja. O mapa abaixo (figura 1) demonstra a localização de Ajuricaba, bem como nossa área de estudo dentro do município.

A produção da soja está atrelada ao mercado mundializado do agronegócio, o qual necessita de inúmeros bens e serviços para se efetivar no espaço. Levando em consideração que as cidades materializam as condições gerais de reprodução do capital, mobilizamos o conceito de “cidades do agronegócio”, apresentado por Elias e Pequeno (2007), para realizar a análise dos equipamentos urbanos de Ajuricaba. De acordo com a autora, nas cidades do agronegócio “as funções de atendimento às demandas do agronegócio globalizado são hegemônicas sobre as demais funções” (Elias, Pequeno, 2007), além disso, são “responsáveis pelo suprimento de suas principais demandas (do agronegócio), seja de mão-de-obra, de recursos financeiros, aportes jurídicos, de insumos, de máquinas, de assistência técnica, etc. (Elias, Pequeno, 2007). São exemplos de cidades do agronegócio Rio Verde (GO), Sorriso (MT), Primavera do Leste (MT) e Uruçuí (PI).

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

**Figura 1.** Mapa de localização do município de Ajuricaba - RS.



**Fonte:** Organização da autora, 2023.

Dessa forma, busca-se identificar se Ajuricaba, apesar de ser uma pequena cidade, se configura como uma cidade do agronegócio a partir da análise dos equipamentos urbanos do município e das dinâmicas que nela ocorrem.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Inicialmente, é válido ressaltar que, por conta de que não há lei que estabeleça qual é o perímetro urbano da cidade, neste trabalho, foi considerada para análise a área em que há maior concentração de serviços dentro do município. Para realizar o mapeamento dos equipamentos urbanos, foi exportada a camada vetorial referente às ruas do município do *OpenStreetMaps*, em seguida, criou-se uma nova camada *shapefile* para marcar os pontos referentes aos equipamentos urbanos do município. O mapeamento foi realizado utilizando o *StreetView* do *Google Earth* para as ruas em que estava disponível (Rua do Progresso e Rua da Matriz), já para as demais áreas da cidade o mapeamento foi feito a partir do conhecimento das autoras sobre a localização dos equipamentos. Assim, verifica-se a necessidade de realizar a validação em campo deste mapeamento, pois, alguns equipamentos podem não ter sido mapeados ou sua localização pode estar incorreta.

Para a tipificação dos equipamentos urbanos foi utilizada a tipificação de Rizzatti *et al* (2022), com algumas adaptações para que fosse contemplado os objetivos desta análise, assim, foi criada a tipificação “equipamentos do agronegócio” que engloba agências bancárias, revendas de maquinário agrícola e de insumos agrícolas (fertilizantes e defensivos, por exemplo) e a categoria “outros” que abarca outro tipo de equipamento que seja voltado para suprir as necessidades do

# Geógrafas e Trajetórias

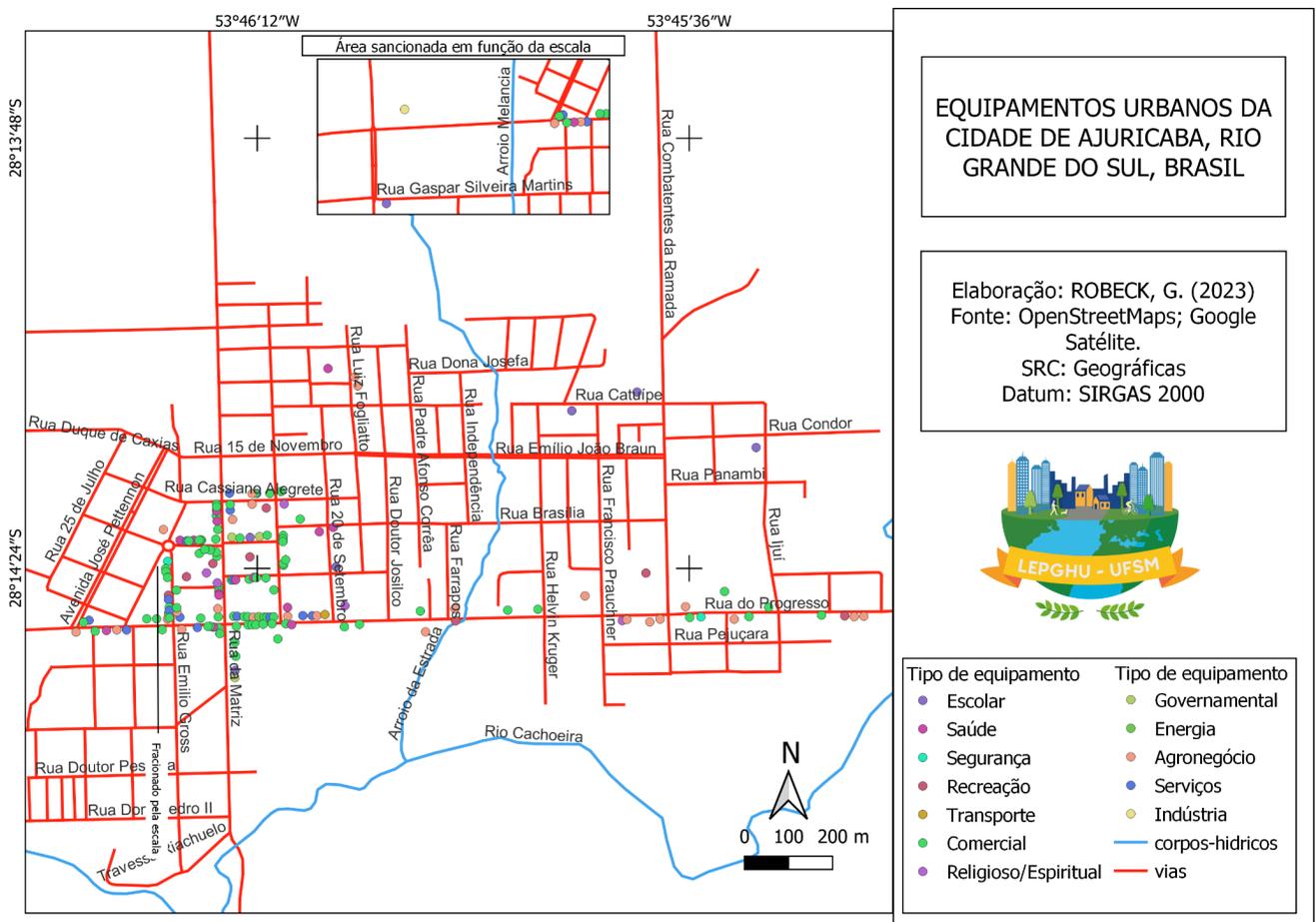
## Múltiplas Pesquisas

agronegócio que não tenha sido contemplado nas categorias anteriores. Também foi criada a categoria “equipamentos de serviços”, voltada para a prestação de serviços de escritórios e de agências dos correios. Após foi produzido o mapa preliminar apresentado nos resultados.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a realização do mapeamento, foi obtido como resultado o mapa expresso na imagem 2.

**Imagem 2.** Equipamentos urbanos presentes na cidade de Ajuricaba, Rio Grande do Sul, Brasil



Fonte: Organização das autoras, 2023.

Ao analisarmos o mapeamento realizado até o momento, verificamos que foram identificados 165 equipamentos urbanos, que integram diferentes tipificações, dentre eles temos 78 comerciais, os quais são a tipologia mais expressiva, seguida pelos equipamentos relacionados ao agronegócio, que correspondem a 25 equipamentos do total. Quanto à espacialização desses em nossa área de estudo, percebemos que há uma concentração de equipamentos comerciais na área central próximo à praça municipal, enquanto há certa predominância dos equipamentos do agronegócio na Rua do Progresso que corta a cidade, o que pode ser explicado pelo fato dela ser uma rua de fácil acesso, possibilitando o deslocamento de grandes maquinários agrícolas, como caminhões e colheitadeiras.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

Dentre os equipamentos do agronegócio se destaca a quantidade de agências bancárias, que oferecem crédito rural, também temos 4 revendas de maquinários agrícolas, que estão todas localizadas na Rua do Progresso. Todos esses equipamentos colocam Ajuricaba em contato com a rede urbana nacional traçando relações comerciais entre as filiais locais e suas matrizes.

Também são encontrados na nossa área de estudo outros equipamentos que dão suporte ao agronegócio, como laboratórios de análise de solo, empresas de construção de silos e galpões metálicos e revendas de insumos agrícolas, nessa última categoria destaca-se a presença de um representante de uma grande empresa de defensivos agrícolas na cidade. Por fim, cabe ressaltar que a única indústria da cidade, a qual também está localizada na nossa área de análise, é voltada para o beneficiamento de cereais, como o trigo e a aveia, cultivados no município durante o inverno, antes do plantio da soja. Na Figura 3, podemos observar alguns dos equipamentos do agronegócio presentes na cidade de Ajuricaba.

**Imagem 3.** Mosaico de imagens dos equipamentos do agronegócio presentes no município



**Fonte:** Gabrieli Tais Drews Robeck, 2023.

## CONCLUSÕES

Como apontado anteriormente, os equipamentos voltados ao agronegócio são expressivos dentro da nossa área de estudo, estando em menor quantidade apenas que os equipamentos comerciais. Mas, para além dos equipamentos urbanos, a cidade de Ajuricaba possui outras características que são apresentadas por Elias e Pequeno (2007) como presentes em uma cidade do agronegócio: a existência de agroindústrias (dessas, apenas uma está dentro da nossa área de estudo, as demais estão localizadas no interior do município), representantes de grandes redes de empresas relacionadas às atividades agrícolas, a presença de redes de supermercados e bancos especializados em crédito rural. Além disso, é no período da safra da soja, a cidade se torna mais dinâmica com a contratação de trabalhadores temporários nas unidades de recebimento de grãos, visto que estas ampliam seu horário de atendimento. Para o futuro, buscaremos realizar a validação

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

em campo do mapeamento apresentado, além de aprofundar e ampliar as análises quanto a nossa área de estudos.

### REFERÊNCIAS

ELIAS, D.; PEQUENO, R. Desigualdades socioespaciais nas cidades do agronegócio. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 25, 2007. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/168> . Acesso em: 30 nov. 2023.

IBGE. **Cidades@: Ajuricaba**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 29 de nov. 2023.

MANFIO, V. As pequenas cidades em tempos de pandemia: uma reflexão sobre o espaço urbano da Quarta Colônia, RS, Brasil. **Élisée - Revista de Geografia da UEG**, v. 10, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/10998>. Acesso em: 06 nov. 2023.

RIZZATTI, M. *et al.* Entrelaçamentos entre urbano e rural: o caso de Estrela Velha no Rio Grande do Sul, Brasil. **Caderno de Geografia**, v.34, n. 68, p. 1399, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2318-2962.2022v32n71p1399>. Acesso em: 30 nov. 2023.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

### COMIDA TÍPICA REGIONAL: O CASO DE MINAS GERAIS

*Daniele Araújo Ferreira <sup>(1)</sup>*

<sup>(1)</sup> Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Maria, [danielearaujo0379@gmail.com](mailto:danielearaujo0379@gmail.com) – CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) – NUGAAL (Núcleo de Estudos em Geografia, Agricultura e Alimentação).

---

**Resumo:** A cozinha típica de Minas Gerais é fortemente marcada pela sua identidade e por seus inúmeros pratos típicos existentes no estado. É perceptível a relação intrínseca do povo mineiro com as cozinhas regionais. Este estado possui uma cozinha tradicional, autêntica e muito estabelecida com relação às questões identitárias tanto dos habitantes quanto dos ingredientes utilizados. Este trabalho tem como objetivo ampliar a discussão sobre a culinária e identidade cultural do povo mineiro, com o intuito de contribuir e ampliar a discussão sobre a temática.

**Palavras-chave:** Minas Gerais; Cozinha típica; Mineiridade, Identidade; Cozinha mineira.

---

## INTRODUÇÃO

A culinária, como sendo uma manifestação cultural, perpassa por vários aspectos e se torna um atrativo gastronômico, econômico, político e também social muito interessante para a sociedade de um determinado lugar.

A cozinha típica e tradicional mineira formou-se a partir dos séculos XVIII e XIX, quando houve o começo da ocupação territorial deste estado. Essa ocupação ocorreu em dois momentos distintos, designados como mineração do ouro e ruralização da economia regional.

Mônica Abdala (1997), em sua longa pesquisa sobre a culinária mineira, aponta que o cardápio considerado “típico mineiro” forma-se durante esses dois períodos mencionados, que remetem à ocupação do território para a busca do ouro, sendo resultado de um conjunto de fatores que combinam determinantes históricas e simbólicas, conformando padrões alimentares e de convívio caracterizados por uma longa duração.

Essa discussão proposta por Abdala se conecta não apenas ao processo de formação dessa cozinha típica regional mineira, mas a todo um conjunto de fatores que atravessam e perpassam sobre as questões culinárias alimentares.

Todavia, a culinária como sendo uma manifestação cultural muito complexa, que não significa apenas o ato de comer, envolve processos como modos de vida, ritual, memória e tradição, que se desenvolvem a partir de uma prática social. Tal prática apresenta um dinamismo temporal e espacial, uma vez que estes se diferenciam de acordo com sua historicidade, culturas e regiões, estando em constante transformação e movimento, e em alguns casos se apropriando de outras culturas e refazendo a sua própria.

Para Maria Eunice Maciel (2004), a cozinha se estabelece em um tipo específico de linguagem, sendo assim um código complexo através do qual é possível compreender os mecanismos da

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

sociedade a qual pertence, da qual emerge e a qual confere sentido. Desta forma, a alimentação pode ser considerada uma linguagem material e imaterial, alcançando dimensões simbólicas e sociais.

A alimentação, organizada como uma cozinha, torna-se um símbolo de identidade (atribuída e reivindicada) através da qual os homens podem se orientar e se distinguir. Mais do que hábitos e comportamentos alimentares, as cozinhas implicam formas de perceber e expressar um determinado 'modo' ou 'estilo' de vida que se quer particular a um determinado grupo (MACIEL, 2004, p.36).

Entende-se, assim, que as cozinhas regionais manifestam uma interação e/ou integração entre o indivíduo e o meio onde este está inserido, na medida em que se apresentam não apenas ingredientes e sabores próprios de um lugar, mas por existir uma lógica própria de técnicas de produção, preparo e serviços nos quais se transmitem valores e tradições de um específico contexto cultural.

É válido adentrar-se no conceito de cultura alimentar apresentado por Jose Contreras e Mabel Garcia Arnaiz, que a definem como:

*[...] el conjunto de representaciones, de creencias, conocimientos y de prácticas heredadas y/o aprendidas que están asociadas a la alimentación e que son compartidas por los individuos de una cultura dada o de un grupo social determinado dentro de una cultura (Jose Contreras e Mabel Garcia Arnaiz, 2005, p.37).*

Assim como os países, os estados também podem ser identificados pela culinária regional. É a partir deste fato que definiu-se o principal objetivo deste trabalho, que é ampliar a discussão sobre a identidade da cozinha mineira, contribuindo com a ampliação do conhecimento desta culinária como manifestação cultural e identitária de um povo.

A cultura mineira é muito expressiva, e um de seus traços mais fortes é a culinária. Seguindo o pensamento de DaMatta (1986), passadas de geração para geração, as receitas típicas do estado e suas particularidades na hora do preparo são fruto de uma historicidade muito peculiar e interessante do povo de Minas Gerais.

Ainda dialogando com DaMatta, discutir sobre identidade cultural alimentar e observar os elementos que influenciam essa cultura são aspectos importantes, legítimos e necessários para que se possa compreender a mineiridade dos mineiros a partir da cultura alimentar que ultrapassa fronteiras, alcançando não só o cenário nacional, como o internacional. Justifica-se, assim, a temática desta pesquisa.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa será concebida a partir de uma análise qualitativa, vinculada a procedimentos metodológicos em pesquisas bibliográficas e documental, além da realização de trabalhos de campo, visando enriquecê-la com detalhes vivenciados no lugar.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

Norman Denzin e Yvonnas Lincoln (1994) definem a pesquisa qualitativa como sendo um conjunto de “práticas interpretativas”, ou seja, ela possui uma premissa epistêmica de que o conhecimento é produzido em uma interação dinâmica entre o sujeito e o objeto do conhecimento, havendo um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e (inter)subjetivo dos sujeitos.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

No estado de Minas Gerais é perceptível a relação intrínseca do povo mineiro com as cozinhas regionais. Este estado possui uma cozinha tradicional, autêntica e muito estabelecida com relação às questões identitárias tanto dos habitantes quanto dos ingredientes lá utilizados. A saber, tais ingredientes são utilizados secularmente, fazendo com que essa cozinha seja ao mesmo tempo muito ampla e também restrita, de forma que os pratos típicos existentes e presentes no estado datam de séculos.

Stuart Hall (2003) propõe que a identidade é definida historicamente, e é formada e transformada junto com a cultura e a sociedade. Todavia, o sujeito tem uma vasta gama de identidades que pode assumir, dependendo das condições a ele oferecidas, sendo que tais identidades não mais fazem parte de um sujeito unificado e coerente. Em outra ocasião, Hall (2003) discute sobre a medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, uma vez que se é confrontado por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais o sujeito pode, ao menos temporariamente, se identificar.

Caminhando junto do conceito e discussão sobre identidade, é importante mencionar que o ato de alimentar-se se dá na associação a um lugar e a um território, podendo ser vinculado ao conceito de cultura alimentar, que se conecta à definição de mineiridade, proposta por Abdala (1997).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mineiridade discutida por Mônica Abdala (1991) é o viés que norteia esta discussão. A autora aponta que a imagem do mineiro está intimamente relacionada com a hospitalidade, a personalidade e a sociabilidade. Estas relações que perpassam por atividades que envolvem a cozinha foram, sobretudo, construídas a partir das relações com o imaginário cultural, social e familiar dos mineiros, o que pode-se vincular ao conceito de sociabilidade.

Associados a essas características estão os hábitos alimentares dos mineiros, que reforçam tal percepção sobre esse povo e dialogam com o conceito de cultura. Este conceito pode ser entendido como o que se interpõe entre indivíduo e meio, humanizando a paisagem, no que concebe Paul Claval (1999).

Concordando com Gilberto Freyre (1968), “a arte da cozinha é a mais brasileira de nossas artes, a mais expressiva do nosso caráter e a mais impregnada do nosso passado”. Assim, concomitante a essa declaração, insere-se o povo mineiro, que possui um arranjo de combinações culinárias que culmina em um cardápio variado de pratos típicos regionais, compondo preferências e valores que perpassam pelo tempo e permanecem no imaginário coletivo de Minas Gerais e do

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

povo mineiro. Mônica Abdala (1997), por sua vez, propõe que a cozinha mineira possibilita a observação e análise deste espaço como sendo privilegiado de convívio e fortes relações sociais.

Diante desta exposição, entende-se que a formação dos hábitos alimentares dos mineiros perpassa por inúmeras contextualizações, onde a cozinha é tida como um lugar de convívio e de maturação das relações sociais. A partir deste contexto, é possível resgatar os aspectos de formação alimentar de Minas Gerais, não esgotando, assim, a discussão.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, M. **Receita de Mineiridades**: a cozinha e a construção de imagem do mineiro. Uberlândia: EDUFU, 1997.

ABDALA, M. **Da casa ao restaurante. Representações sobre o comer fora em Minas Gerais**. In: Montebello N, Collaço JHL, organizadores. *Gastronomia: cortes e recortes II*. Brasília: Senac; 2007. p. 52-69.

CALVAL, P. **Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora UFSC.

CONTRERAS, H. J.; ARNÁIZ, G. M.I. **Alimentación y cultura**. Barcelona: Editorial Ariel, 2005.

DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FREYRE, G. **Como e Por que Sou e não Sou Sociólogo**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1968.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade** (7ª edição). Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

MACIEL, M. E. **Cultura e alimentação ou o que tem a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat Savarin**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre. v.7, n.16, p.01-10, 2001.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

### DE GOLE EM GOLE: ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA E SUAS INTENÇÕES DE PESQUISA NO ENOTURISMO.

*Thaís Gomes Torres (\*)*

*(\*) Programa de Pós Graduação em Geografias, Universidade Federal de Santa Maria, thaisturis@gmail.com*

---

**Resumo:** Este resumo é um esforço de contribuir com a produção bibliográfica na área do Turismo, em especial no enoturismo na Campanha Gaúcha, através da abordagem fenomenológica e suas intenções nas pesquisas científicas. A viagem por essa temática tem sido realizada no percurso do doutorado em Geografia no Programa de Pós Graduação em Geografia na Universidade Federal de Santa Maria – RS. Nesse sentido, a perspectiva fenomenológica nos norteará compreender a experiência vivida e vivenciada sob a percepção de quem vive o fenômeno enquanto viajante-pesquisadora. O viajante é aquele que quer vivenciar a realidade local, o turista quer fugir de sua realidade. Por isso aqui optamos por trabalhar com o termo viajante numa aproximação fenomenológica daquele que possui uma intenção de encontro com o outro e de seus modos de vida.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Enoturismo; Intenção de pesquisa.

---

## INTRODUÇÃO

Este resumo é um esforço de contribuir com a produção bibliográfica na área do Turismo, em especial ao enoturismo através da abordagem fenomenológica e suas intenções nas pesquisas científicas. A viagem por essa temática tem sido realizada no percurso do doutorado em Geografia no Programa de Pós Graduação em Geografia na Universidade Federal de Santa Maria – RS. Para tal, entendemos e estamos de acordo com Merleau- Ponty (1994) que diz ser necessário deixar de lado o olhar de cientista para olhar o mundo com o olhar de quem o experiencia, pois segundo ele:

“todo o universo da ciência é construído sobre o mundo-vivido , e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiro despertar essa experiência do mundo da qual é ela é expressão segunda” ( MERLEAU- PONTY, 1994, p.3).

A fenomenologia traz para os estudos de turismo o enfoque no sujeito e não apenas no objeto, já que somos sujeito e objeto. “De modo genial Husserl (1986), descobriu a origem das várias maneiras de pensar o mundo nas ‘experiências vivenciais’, isto é, nas formas em que se configuram interiormente tais experiências. Não se trata por certo de uma produção do tipo idealista, mas do estudo da forma em que a realidade é percebida” (Ales Bello, 1998, p. 12).

Nesse sentido, a perspectiva fenomenológica nos norteará compreender a experiência vivida e vivenciada sob a percepção de quem vive o fenômeno enquanto viajante- pesquisadora que aqui escreve. O viajante é aquele que quer vivenciar a realidade local, o turista quer fugir de sua realidade. Por isso aqui optamos por trabalhar com o termo viajante numa aproximação

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

fenomenológica daquele que possui uma intenção de encontro com o outro e de seus modos de vida. A pesquisadora-viajante “tem tempo. Aprende. O turista é apressado. Consome” (Joaquim, 2012, p.13).

A experiência vivida (ser no mundo) e a experiência pensada (do pesquisador) possuem, cada uma, sua essência, que ao se encontrarem, fazem com que o procedimento metodológico seja orientado “[...] para fenômenos que não podem ser compreendidos a partir da mediação ou observação, mas que tem que ser vívidos” (MARANDOLA JR, 2008, p.100).

A escolha dessa abordagem para pesquisar o enoturismo na região da Campanha Gaúcha- RS foi adequada ao meu ver, pois não partimos de hipóteses e uma pergunta única a responder. É na experiência vivida que o fenômeno acontece e a pesquisadora- viajante aproxima-se da essência do fenômeno tal qual ele se mostra.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O presente resumo está pautado na abordagem qualitativa, a qual norteia a pesquisa particularmente na fenomenologia de Husserl (1859-1938) sem privilegiar nem o sujeito que conhece, nem o objeto que é conhecido, mas a relação entre ambos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A intenção de trazer para esse texto a discussão sobre a pesquisa fenomenológica em enoturismo deu-se pelo entendimento da importância em descrever a experiência vivida pelo viajante. Na viagem, o corpo se abre a experiências diversas e o viajante se entrega, se permite sentir o odor das uvas, já que o vinho é memória afetiva e leva o viajante a se conectar a sabores associados a paisagem, a história e a cultura do lugar. Essa trama de relações também se mistura no espaço geográfico de nosso estudo, que é a região da Campanha Gaúcha. Nos últimos anos a região se transformou num novo pólo vitivinícola, o qual mudou a imagem da campanha que antes era marcada pela agricultura, pecuária mais a imagem do gaúcho.

Nesse sentido entendemos que a experiência do enoturismo se desvela, mas não a luz do esclarecimento. Seu desvelamento é pelo não dito (Barthes, 2008). No momento de entrega ao objeto, a pesquisadora permite sentir, intuir, fluir, e desacostumar com tudo que tinha de conhecimento atrelado a razão frente ao fenômeno. Em visão semelhante, Aguiar e Policarpo (2018), explicitam a importância da abordagem fenomenológica de Merleau- Ponty (1994) em descrever o fenômeno através da percepção do indivíduo, sem objetivo de descrever condições formais da experiência, mas “explorar as vivências particulares em que os parâmetros perceptivos de organização dos dados são exercidos por um sujeito engajado nas situações do cotidiano” (Aguiar e Policarpo, 2018, p.77).

O embebedar-se na pesquisa fenomenológica se dá como o título desse trabalho: de gole em gole, em pequenas doses que o trabalho de campo acontece sob a abordagem fenomenológica

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

(Trigo, 2019) esclarece que a “viagem não é apenas um deslocamento geográfico, cultural ou social, mas uma jornada interior, o que justifica ser uma experiência fundamental na vida das pessoas” (p.29). A experiência vivida (ser no mundo) e a experiência pensada (do pesquisador) possuem, cada uma, sua essência, que ao se encontrarem, fazem com que o procedimento metodológico seja orientado “[...] para fenômenos que não podem ser compreendidos a partir da mediação ou observação, mas que tem que ser vividos” (Marandola JR, 2008, p.100).

A atitude de pesquisadora é deixar que os acontecimentos se desvelem para captar as diferentes narrativas dos viajantes do mundo dos vinhos, até porque experimentar o enoturismo como prazer corpóreo e mental independe de conhecimento e inteligência sobre o mundo dos vinhos, porém faz parte do instinto hedônico do viajante, que se alimenta do encanto servido nas paisagens vitivinícolas, a satisfação em se degustar um vinho, acompanhado de uma saborosa refeição, compartilhando a mesa com boas companhias e apreciando uma bela vista da paisagem (Tonini; Lavandoski, 2011).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como esforço apresentar uma breve discussão sobre a intenção de pesquisa no enoturismo sob a abordagem fenomenológica. Os estudos mais recentes nos mostram que o viajante cada vez mais busca viver novas experiências nos destinos e não ser apenas um espectador das atrações que lhe são ofertadas. A abordagem fenomenológica conta com uma postura interna do pesquisador em desacostumar, ser curioso e experimentar o fenômeno através de uma escuta ativa.

Nesse sentido, acredito que as pesquisas na área do turismo devam se voltar mais para esses aspectos fenomenológicos da prática da atividade para auxiliar no planejamento e organização dos destinos turísticos, em especial o enoturismo, que cresce ano a ano estando entre as atividades mais procuradas no período pós pandemia do COVID 19.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, E. C; POLICARPO, M. C. Fenomenologia da percepção: Uma abordagem para a investigação de experiências de consumo. **Consumer Behavior Review**, 2(2), 72- 83, 2018.

ALES BELLO, A. **Introdução a fenomenologia**. (Ir. Jacinta Turolo Garcia e M. Mahfoud, Trad.). Bauru, SP: EDUSC, 2006.

MARANDOLA JR, E. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2021.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo, Martins fontes,1994.

TONINI, H.; LAVANDOSKI, J. Enoturismo: experiências e sensações no Vale dos Vinhedos (RS). **Revista Turismo em Análise**, v. 22, n. 1, p. 25, 2011.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

TRIGO, L. G. G. A viagem como experiência significativa. *In*: PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C. (Orgs). **Turismo de experiência**. São Paulo: Senac, 2010. p. 21 a 41.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

### DÉFICIT HÍDRICO: Um estudo de caso em Cacequi/RS nos anos 1985 à 2020

*Claudia Elisa Lanes Dorneles Souza<sup>(1)</sup>*

<sup>(1)</sup>Bacharel em Gestão Ambiental, estudante do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, claudiaelisalds@gmail.com.

---

**Resumo:** Na cidade de Cacequi, na região central do estado do Rio Grande do Sul, tem-se observado um crescente desafio nos setores produtivos, com destaque para o setor agropecuário, que enfrentou recentemente uma grande crise de déficit hídrico. Portanto, o objetivo deste trabalho é realizar uma avaliação das perturbações que resultam no déficit hídrico do município de Cacequi. Para quantificar a disponibilidade hídrica para os anos 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010, 2015 e 2020, foram manipulados dados geográficos em Sistemas de Informação Geográfica, com as possíveis entradas e saídas do sistema avaliado. A pesquisa constatou que a maior parte da variabilidade explicada do déficit hídrico possui uma maior relação com a produção intensiva de soja. Desta forma, são necessárias ações que visem não somente a adequação dos usos, controle e conservação das águas, mas que também definam limitações de uso e cobertura da terra para conter a expansão de *commodities*.

**Palavras-chave:** Abastecimento de água; Campo nativo; *Commodities*; Setor agrícola; Soja.

---

## INTRODUÇÃO

A Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH) do Brasil, estabelecida em 1997, enfatiza a necessidade de uma gestão integral dos recursos hídricos que considere os seus múltiplos usos. Já, quanto aos recursos hídricos e as demais variáveis ambientais, de acordo com Farina (2006) e Collischonn e Dornelles (2013), a precipitação e suas relações com paisagem são influenciados não apenas pelas características do declive e da composição do solo, mas também pela cobertura e pelo uso da terra. Portanto, para uma gestão integral das paisagens dos sistemas hídricos e de seus diferentes padrões de perturbação, devem ser considerados como critérios os níveis de disponibilidade hídrica calculados através do balanço hídrico, os índices de declividade do relevo, a pedologia e as classes de cobertura da terra.

Além disso, quanto aos recursos hídricos, ressalta-se que a água sendo um recurso de distribuição e demanda heterogêneos necessita de uma gestão que considere seus múltiplos usos, assim, evitando conflitos de disponibilidade hídrica quantitativa e qualitativa (Lanna, 2002; Almeida; Pereira, 2009). À vista disso, a qualidade e quantidade dos recursos hídricos são essencialmente influenciados pelas ações antrópicas, especialmente pela alteração sobre o uso e cobertura da terra (Collischonn; Dorneles, 2013).

Diante o exposto, ocorre que, na cidade de Cacequi, situada na região central do estado do Rio Grande do Sul, tem-se observado nos últimos anos um crescente desafio nos setores produtivos, com destaque para o setor agropecuário, que enfrentou uma grande crise de déficit hídrico, o que levou ao reconhecimento federal de estado de emergência devido à estiagem (Brasil, 2023).

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

Portanto, o objetivo deste trabalho é realizar uma avaliação das perturbações que resultam no déficit hídrico do município de Cacequi.

### MATERIAIS E MÉTODOS

Para quantificar a disponibilidade hídrica ao longo dos anos, utilizou-se as possíveis entradas (precipitação) e saídas (evapotranspiração) de elementos do sistema avaliado, seguindo o modelo de Carvalho Neto (2011) e Carvalho Neto (2016), com dados do Terraclimate (Abatzoglou, 2022) e do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas em Ciências Ambientais - LICA, da Universidade Federal do Pampa Campus São Gabriel, nesta etapa, os dados foram processados no *software* RStudio (RSTUDIO TEAM, 2023). Isso gerou, no total, 96 produtos cartográficos com a quantificação hídrica do município de Cacequi, com um produto para cada mês de cada um dos 8 anos verificados (1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010, 2015 e 2020).

Logo, estes produtos foram utilizados para uma análise de componente principal para cada ano (Florenzano, 2008), o que gerou mais 24 produtos, sendo 3 componentes principais para cada ano em estudo. Após, todos estes resultados foram utilizados em conjunto ao método de correlação linear de Pearson (Barbetta, 2011) para relacionar com as variáveis de solos (FEPAM; FAURGS, 2005), declividade (Topodata, 2011) e cobertura da terra (MapBiomias, 2022). Todos estes dados geográficos foram preparados e manipulados nos *softwares* de Sistemas de Informação Geográfica QGIS (QGIS *Development Team*, 2023) e SAGA GIS (Conrad, 2015).

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos resultados de correlação entre os produtos de quantificação hídrica, seus componentes principais e as variáveis de solos, declividade e cobertura da terra, constatou-se que a maior parte da variabilidade explicada do déficit hídrico está relacionada principalmente com a variável de cobertura da terra para os anos verificados, com uma relação muito fraca com as demais variáveis. Também foi possível perceber que as áreas mais afetadas pelo déficit hídrico foram as regiões agrícolas do município, enquanto as áreas de campo nativo promoveram um efeito de regularização ecossistêmica quanto ao déficit hídrico.

Além disso, no ano de 1995, foi observada uma menor relação do déficit hídrico com o parâmetro de cobertura da terra, coincidindo com um período de estagnação na silvicultura e uma redução das áreas destinadas ao cultivo de soja no município (MapBiomias, 2022). Desta forma, torna-se evidente a íntima relação do déficit hídrico no município com a produção intensiva de soja. Ainda, pesquisas anteriores já incorporaram o fenômeno El Niño Oscilação Sul - ENOS (Souza, 2023), que evidenciaram que, mesmo que o fenômeno tenha tendência de agravar eventos extremos como situações de déficit e excedente hídrico, ele não foi considerado o principal elemento ocasionador (No prelo).

Ademais, a transnacionalização dos espaços econômicos, atendendo a demandas externas à região (Becker, 2010), assegura a expansão do mercado de *commodities* como a soja. Este fato é impulsionado, sobretudo, pelo crescente aumento de incentivos tanto do setor privado quanto

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

governamental, incluindo programas de seguro e crédito agrícola subsidiado, bem como iniciativas destinadas a promover a aquisição de fertilizantes e a mecanização agrícola. De acordo com os dados abertos do Atlas do Seguro Rural, desde 2007 já foram assegurados 103.571 hectares de soja no município de Cacequi (Brasil, 2023).

De um lado, enquanto a produção de soja é subsidiada e assegurada, permitindo cultivos em larga escala, do outro lado, os verdadeiramente afetados pelo déficit hídrico são os residentes da zona rural do município. No ano de 2022, o déficit hídrico afetou o abastecimento de água para diversos moradores da zona rural, de forma em que a própria gestão municipal de Cacequi acabou incorporando medidas mitigadoras, conforme divulgado nas redes sociais da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Cacequi (2022).

Por fim, de acordo com Pillar *et al.* (2006), a conversão dos campos nativos em lavouras temporárias é um problema negligenciado desde 1970, enquanto a biodiversidade é ameaçada, também perde-se o potencial de revitalização ecossistêmica e sequestro de carbono dos campos sulinos, que naturalmente já possuem um potencial de produção agropecuária sem a necessidade de intervenções que ameacem a integridade dos sistemas campestres, como o pastoreio.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante salientar a carência de dados e estudos relativos ao *déficit* hídrico para Cacequi/RS, assim como a ausência de planejamento e reorganização territorial por parte das autoridades executivas em relação aos recursos hídricos. Também, ressalta-se que a importância da gestão dos recursos hídricos decorre da complexidade do ecossistema total-humano, no qual as pressões quanto aos conflitos hídricos aumentam substancialmente, sobretudo devido à atual lógica de mercado, que prioriza o lucro imediato em detrimento da preservação do futuro.

A partir deste estudo, foi possível evidenciar que o déficit hídrico nesta região está relacionado principalmente às mudanças nas classes de cobertura da terra, impulsionadas pelo setor agrícola, especialmente ao cultivo de soja. Desta forma, são necessárias ações que visem não somente a adequação dos usos, controle e conservação das águas, mas que também definam limitações efetivas de uso e cobertura da terra para conter a expansão do mercado de *commodities* antes que os impactos voltem a atingir a integridade dos sistemas nativos e o abastecimento de água para a população. Ainda, recomenda-se que pesquisas futuras utilizem séries sequenciais, devido a não estacionariedade de séries climáticas.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABATZOGLOU, J.T. **Terraclimate**, Climatology Lab, University of California, Merced, 2022. Disponível em: [https://climate.northwestknowledge.net/TERRACLIMATE/index\\_directDownloads.php](https://climate.northwestknowledge.net/TERRACLIMATE/index_directDownloads.php). Acesso em: 10 set. 2022.

ALMEIDA; F. G. de; PEREIRA, L. F. M. Capítulo 3: O Papel da Distribuição e da Gestão de Recursos Hídricos no Ordenamento Territorial Brasileiro. *In*: ALMEIDA, F. G. de; SOARES, L. A. A. (orgs.). **Ordenamento Territorial**: Coletânea de textos com diferentes abordagens no contexto brasileiro. Rio de Janeiro/RJ: Bertrand Brasil, 2009. 288 p.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 7 ed. 3 reimp. Florianópolis/SC: Editora UFSC, 2011. 320 p. ISBN: 978-85-328-0396-2.

BECKER, D. F. Desenvolvimento regional: Abordagens interdisciplinares. *In*: BECKER, D. F.; WITTMANN, M. L. (orgs.). **Desenvolvimento regional: Abordagens interdisciplinares**. 2. ed. 1. reimp. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. 396 p.

BRASIL. **Atlas do Seguro Rural**. Ministério da Agricultura e Pecuária, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/riscos-seguro/seguro-rural/dados>. Acesso em: 12 nov. 2023.

BRASIL. Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997. Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, regulamenta o inciso XIX do art. 21 da Constituição Federal, e altera o art. 1º da Lei nº 8.001, de 13 de março de 1990, que modificou a Lei nº 7.990, de 28 de dezembro de 1989. **D.O.U.** de 9 jan. 1997.

BRASIL. **Portaria nº 585, de 2 de fevereiro de 2023**. Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional/Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil-MIDR. Brasília/DF, 2 fev. 2023, ed. 25, seção 1, p. 17. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-585-de-2-de-fevereiro-de-2023-462025445>. Acesso em: 1 jul. 2023.

CACEQUI. Secretaria Municipal da Agricultura e Meio Ambiente. **Continuidade no abastecimento de água para as famílias atingidas pela estiagem**. Cacequi, 07 fev. 2022. (Facebook) Disponível em: <https://www.facebook.com/108125930987507/photos/a.110809720719128/468039071662856/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

CARVALHO NETO, R. M. **Análise de incertezas do Balanço Hídrico Climatológico espacializado**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Tecnologia, Programa de Pós-graduação em Engenharia Florestal. Santa Maria, RS, Brasil, 05 ago. 2016.

CARVALHO NETO, R. M. **Uso do Balanço Hídrico Climatológico para Subsidiar Tomadas de Decisão Quanto ao Manejo de Bacias Hidrográficas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Tecnologia, Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil. Santa Maria, RS, Brasil, 26 ago. 2011.

COLLISCHONN, W; DORNELLES, F. **Hidrologia para engenharia e ciências ambientais**. Porto Alegre: Associação Brasileira de Recursos Hídricos (ABRH), 2013.

CONRAD, O. *et al.* System for Automated Geoscientific Analyses (SAGA) v. 2.1.4. **Geoscientific Model Development**, 7 ed., v. 8, Munique, Alemanha, 2015. DOI: 10.5194/gmd-8-1991-2015.

FARINA, A. **Principles and Methods in Landscape Ecology** - Toward a Science of Landscape. Springer: Landscape Series. v. 3. Dordrecht, Holanda, 2006.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

FLORENZANO, T. G. Cartografia. *In*: FLORENZANO, T. G (org.). **Geomorfologia**: conceitos e tecnologias atuais. São Paulo: Oficina de Textos, 2008.

FUNDAÇÃO ESTADUAL DE PROTEÇÃO AMBIENTAL – FEPAM; FUNDAÇÃO DE APOIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – FAURGS. **Relatório Final**: Classificação taxonômica dos solos do Estado do Rio Grande do Sul segundo o Sistema Brasileiro de Classificação de Solos e Avaliação da classe de resistência a impactos ambientais. (Não publicado). 2005.

LANNA, A. E. Gestão dos Recursos Hídricos. *In*: **Hidrologia**: Ciência e aplicação. 3 ed. TUCCI, C. E. M. (org.). Porto Alegre: ABRH, 2002.

MAPBIOMAS. **Projeto MapBiomás** – Coleção 7.1 da Série Anual de Mapas de cobertura e uso da Terra do Brasil, 2022. Disponível em: [https://storage.googleapis.com/mapbiomas-public/brasil/collection-71/lclu/coverage/brasil\\_coverag\\_e\\_\[ano\].tif](https://storage.googleapis.com/mapbiomas-public/brasil/collection-71/lclu/coverage/brasil_coverag_e_[ano].tif). Acesso em: 30 abr. 2023.

PILLAR V. P. *et al.* **Estado atual e desafios para a conservação dos campos**. (Workshop). *In*: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. 24 p. Disponível em: [http://conama.mma.gov.br/index.php?option=com\\_sisconama&task=documento.download&id=15673](http://conama.mma.gov.br/index.php?option=com_sisconama&task=documento.download&id=15673). Acesso em: 01 jun. 2023.

QGIS DEVELOPMENT TEAM. **QGIS Desktop User Guide/Manual (QGIS 3.28)**, 2023. Disponível em: [https://docs.qgis.org/3.28/pt\\_BR/docs/server\\_manual/](https://docs.qgis.org/3.28/pt_BR/docs/server_manual/). Acesso em: 24 jun. 2023.

RSTUDIO TEAM. **RStudio**: Integrated Development for R. RStudio, PBC, Boston, Massachusetts. RStudio versão 2023.06.0+421, 08 jun. 2023. Disponível em: <http://www.rstudio.com/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

SOUZA, C. E. L. D. **Balanço Hídrico Climatológico do Município de Cacequi**: Efeitos do Fenômeno ENOS e da Mudança na Cobertura da Terra. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pampa Campus São Gabriel, Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental. (No prelo). São Gabriel, RS, 2023. 84 p.

TOPODATA. **Banco de Dados Geomorfométricos do Brasil**. Planos de Informação em GeoTiff, Declividade numérica. São José dos Campos/SP, Brasil, 2011. Disponível em: <http://www.dsr.inpe.br/topodata/acesso.php>. Acesso em: 01 jun. 2023.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

### ELABORAÇÃO DE MAPAS TEMÁTICOS E ORGANIZAÇÃO DE BANCOS DE DADOS COMO SUPORTE AO PLANEJAMENTO AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE UNISTALDA/RIO GRANDE DO SUL

*Franqueline Monback Noschang<sup>(1)</sup>, Romário Trentin<sup>(2)</sup>*

<sup>(1)</sup>Graduanda, Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Maria, [franqueline.noschang@acad.ufsm.br](mailto:franqueline.noschang@acad.ufsm.br)

<sup>(2)</sup>Doutor, Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Maria, [romario.trentin@gmail.com](mailto:romario.trentin@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho se propõe a, por meio do desenvolvimento de mapas morfométricos, compreender e abordar problemáticas ambientais. A análise se concentra na elaboração de mapas temáticos de hipsometria e declividade do município de Unistalda localizado no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Os mapas fornecem informações importantes sobre as características físicas do território, informações estas que servirão para construção de um banco de dados com o objetivo de auxiliar no planejamento e organização territorial, sendo essencial para a identificação de áreas de risco para a promover um desenvolvimento sustentável considerando o relevo e o meio ambiente local.

**Palavras-chave:** Morfometria; Declividade; Hipsometria; Mapas; Geografia.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa consiste em realizar o levantamento de dados prévios para a elaboração do mapeamento morfométrico do município Unistalda. A finalidade é compreender as dinâmicas ocorrentes no território e na paisagem, que por sua vez, visa auxiliar nas decisões relacionadas ao planejamento do município ao mesmo tempo que servirá como método educativo para abordar questões ambientais. As informações obtidas em um estudo morfométrico, como destaca Lima (2008), podem ser úteis para fins de planejamento ambiental e gestão de recursos hídricos. Estudos morfométricos são compostos pela análise das características físicas do espaço, dentre as quais há inúmeros atributos a serem analisados como altura, declividade, comprimento, altura, largura, extensão, dentre outras.

A análise morfométrica é uma importante ferramenta para a compreensão do espaço, possibilitando o estudo dos comportamentos ocorrentes sobre o mesmo, bem como as possíveis consequências de suas formas, entender as dinâmicas ocorrentes no espaço físico é demasiado importante para entender os processos ocorrentes no território, na análise morfométrica descreve se os parâmetros morfológicos e seus processos, no intuito de diagnosticar mudanças, com ou sem interferência das atividades humanas (Pissara, 2010).

Conforme Christofletti (1974), os processos são uma sequência de ações regulares e contínuas que se desenvolvem de maneira relativamente bem específica e levando a resultados determinados. Portanto, a análise morfométrica não somente ajuda a compreender o espaço geográfico por si só, mas também ajuda a prever e compreender as transformações que ocorrem nele, que é fundamental para o planejamento do território.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

Para a realização do mapeamento morfométrico, inicialmente foi estabelecida a área de estudo, onde foi estabelecido o município de Unistalda ( $29^{\circ}3'8''S$ ,  $55^{\circ}7'44''E$ ), localizado no oeste do estado do Rio Grande do Sul, a 191km do município central de Santa Maria e a 481 km da capital, Porto Alegre. A escolha do município se deu por ser uma área particularmente interessante, uma vez que nele se engloba o limite de duas sub bacias hidrográficas, sendo elas a Bacia do Itacurubi e a Bacia do Jacuí.

### MATERIAIS E MÉTODOS

Para compreender o espaço geográfico do município foram utilizadas as cartas topográficas do exércitos bases e IBGE, na escala de 1:50.000. A partir destas cartas foram extraídas as malhas relacionadas à drenagem, altimetria e pontos cotados que serviram para a construção do mapa morfométrico após realizadas as devidas correções com a utilização do programa QGis.

As malhas resultantes desse processo foram organizadas de acordo com o sistema de referência Sirgas 2000 e as coordenadas Universal Transversa de Mercator (UTM) no fuso 21 sul. Isso assegurou a consistência das informações geoespaciais e permitiu a integração das diversas camadas de dados.

Após a realização das correções das linhas de drenagem e de altimetria, os arquivos foram convertidos em uma imagem raster com a utilização do *software* ArcGis onde a partir desta foi possível desenvolver os mapas hipsométricos e de declividade. Para o desenvolvimento do mapa hipsométrico foram estabelecidas cinco classes altimétricas:  $>180$ ; 180-230; 230-290; 290-340;  $<340$ . Já para o mapa de declividade foram definidos quatro níveis de declive:  $>2\%$ ; 2-5%; 5-15% e  $>15\%$ .

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

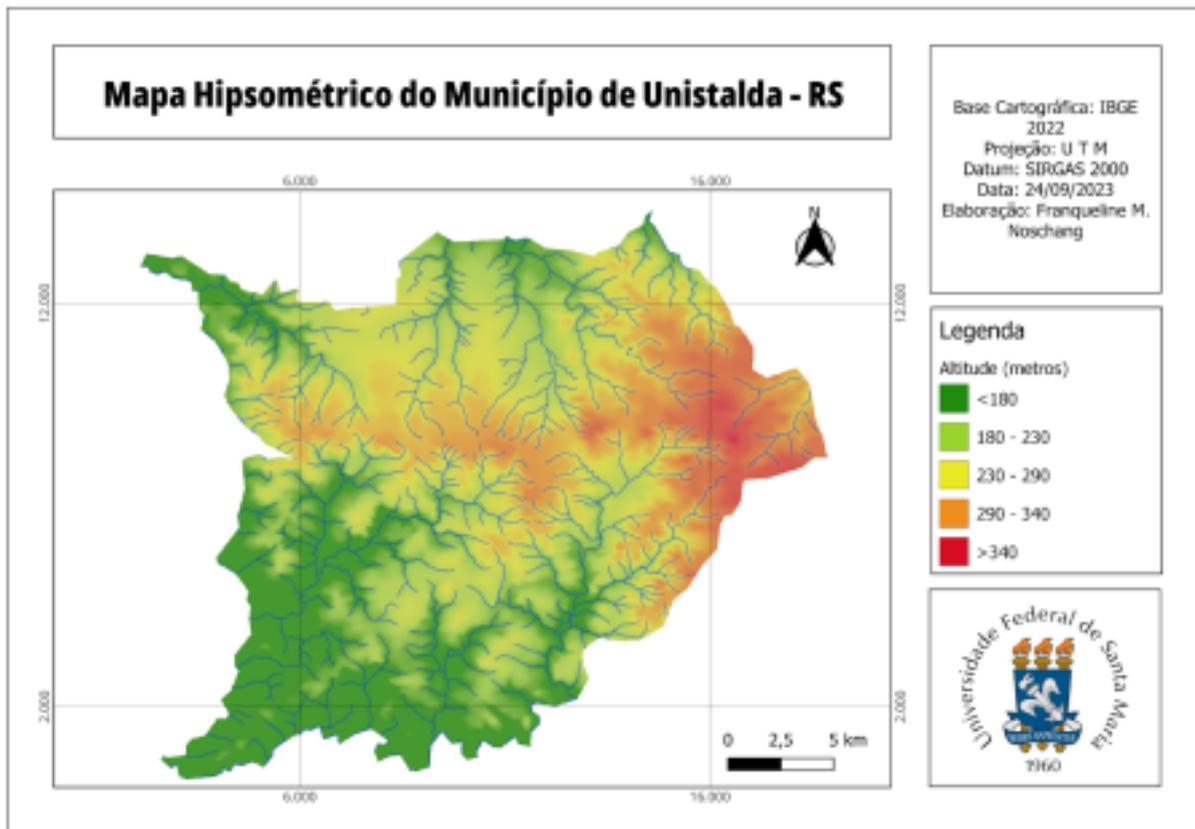
No município de Unistalda foi realizada uma análise de cotas altimétricas, onde foi revelado que o menor valor é de 103 metros e o de maior valor 423 metros de altura. Mapas hipsométricos permitem uma análise detalhada das cotas altimétricas e oferecem uma visão geral das características topográficas do município, destacando a variação das altitudes e como diferentes faixas altimétricas se distribuem pelo território.

Analisando os dados hipsométricos (Figura 1) foi possível compreender que a maior porção do território se enquadra é 230 - 290 representando 29,10%, esta faixa representa uma aspetos da paisagem do município. A segunda maior representação se dá pela classe 180 - 230 com um percentual de 24,87% de ocupação do território, a forma como as classes se distribuem sugere características geográficas similares e bem distribuídas no território. Em terceiro lugar na ordem de ocupação do território está a classe 290 - 340 representando 17,02%, seguido da classe com dados inferior a 180 metros com 16,52% e por último o que se encontra acima de 340 metros com um percentual de 11,97% do território, estas áreas mais elevadas podem ser de especial interesse para a gestão de recursos naturais.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

Figura 1: Mapa hipsométrico



Fonte: Franqueline M. Noschang, 2023.

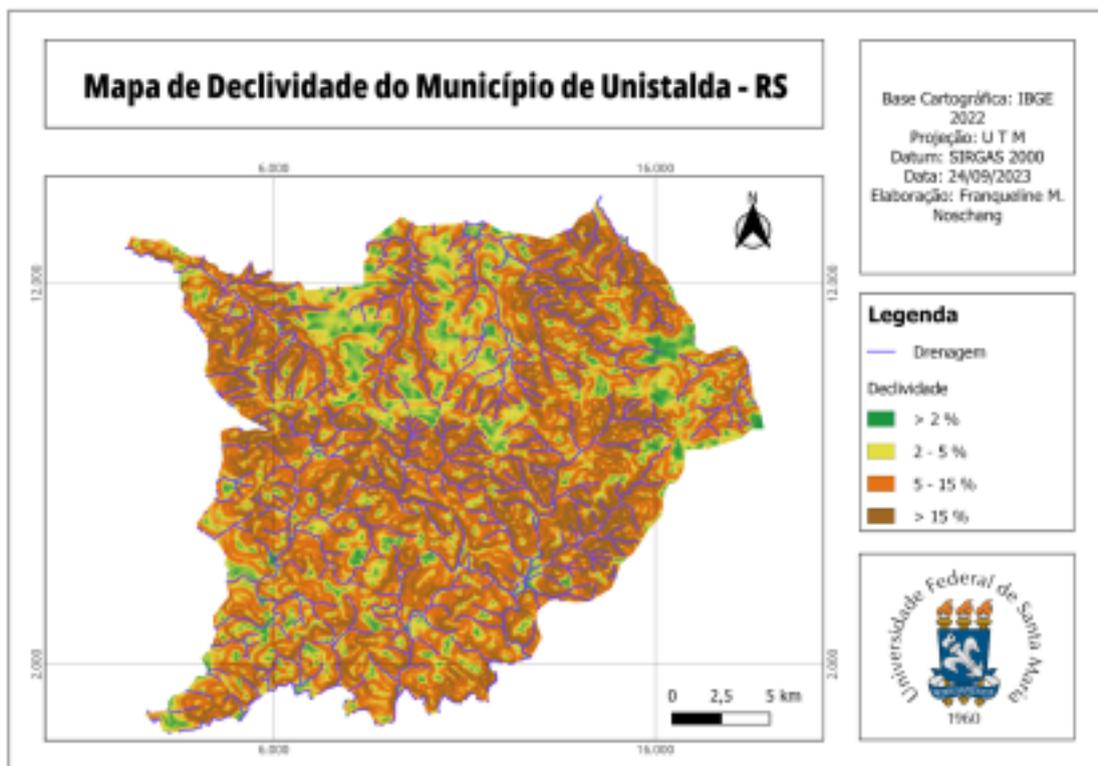
O processo de elaboração do mapa de declividade (figura 2) deu-se a partir da divisão do terreno em quatro classes, utilizando como limite os valores de 2%, 5% e 15%. Áreas com declives inferiores a 2% que são caracterizadas por áreas planas dentro do território, onde predominam processos de acumulação de sedimentos. A faixa referente ao limite de 5% de declives é considerada como uma área de transição, sendo um divisor entre áreas mais propensas a acumulação e erosão. Já a terceira classe, aquela com declives superiores a 15%, são susceptíveis a movimentos de massa, devido a sua acentuada inclinação.

Analisando as classes e suas respectivas representações dentro do território do município de Unistalda identificamos que a maior porção se encontra dentro da classe entre 5-15% que representa o equivalente a 44,15% do território. A segunda maior porção se encontra na classe relativa a inclinações entre 2-5%, representando 29,89% do território. Já em terceiro lugar na ordem de ocupação do território se enquadra a classe com taxas de declive inferior a 2% representando 15,47% do território se destacando ao noroeste do município. E por último, com a menor ocupação se encontra a classe com valores superior a 15% de declive que representam maiores riscos de erosão, representando somente 10,47% do território.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

Figura 2: Mapa de declividade



Fonte: Franqueline M. Noschang, 2023.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a execução do mapa hipsométrico e de declividade do município de Unistalda é possível identificar que o espaço é pouco propenso a processos de inundação pela altitude em que se encontra e por possuir poucas extensões de área com baixos declives. Em contrapartida, suas altas taxas de declividade podem significar maiores riscos erosivos e de movimentação de massa no território, influenciando também sua drenagem, pois áreas íngremes podem resultar em maior velocidade de escoamento da água.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia**. São Paulo: Edgard Blucher, 1980

LIMA, G. A. Bacia Hidrográfica como unidade de Planejamento e Gestão: Estudo de Caso Ribeirão Isidoro. **IBEAS** – Instituto Brasileiro de Estudos Ambientais, v.24, nov., 2016. Disponível em: <<https://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2016/VIII-074.pdf>>. Acesso em: 7 nov.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

2023.

PISSARRA, T. C. T.; RODRIGUES, F. M.; POLITANO, W; GALBIATTI, J. A. Morfometria de microbacias do Córrego Rico, afluente do Rio Mogi - Guaçu, Estado de São Paulo, Brasil. **Revista Árvore**, Viçosa/MG, v. 34, n. 4, p. 669 - 676, jul./ago.2010. <<https://doi.org/10.1590/S0100>>. Acesso em: 7 nov. 2023.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

### ESTRATÉGIAS INTEGRADAS À PESQUISA: O ESTUDO DE ÁREAS DE RISCO EM PEQUENOS E MÉDIOS MUNICÍPIOS

*Maria Vitória Zancanaro<sup>(1)</sup>, Anderson Augusto Volpato Scoti<sup>(2)</sup>*

<sup>(1)</sup>Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Maria, mariavitoriampz@gmail.com

<sup>(2)</sup>Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Maria, ascoti2@gmail.com

**Resumo:** A ocupação de áreas de risco decorre de um processo histórico onde a possibilidade de moradia acaba por se tornar um bem especulativo, fazendo com que grupos sociais específicos venham a ocupar locais inadequados da cidade. Apesar da legislação, a identificação e monitoramento das áreas de risco, não vem sendo um elemento importante na gestão dos municípios. O presente trabalho tem como objetivo evidenciar a importância da pesquisa acadêmica no âmbito dos desastres naturais, e como a investigação torna-se mais considerável quando analisamos médios e pequenos municípios. O estudo pontual, a capacidade de disseminar informações e análise de informações geográficas são apenas alguns tópicos consideráveis ao pensar na relação universidade enquanto instituição de ensino, e a comunidade afetada pelos eventos adversos.

**Palavras-chave:** Desastres Naturais; Ocupações irregulares; Planejamento urbano.

## INTRODUÇÃO

Os eventos naturais fazem-se presente no ciclo natural da Terra a milhares de anos, sejam eles fenômenos endógenos por meio do tectonismo, ou por fenômenos exógenos, relacionados a processos hidrometeorológicos. Quando associado a populações, essas ocorrências passam a ser consideradas como Desastres Naturais, e a capacidade da população responder a essa eventualidade envolve múltiplos aspectos, incluindo sua localização geográfica.

A United Nations International Strategy For Disaster Reduction (UNISDR, 2009) conceitua o desastre como uma grave perturbação do funcionamento de uma comunidade ou de uma sociedade, envolvendo perdas humanas, materiais, econômicas ou ambientais de grande extensão, cujos impactos excedem a capacidade da comunidade ou da sociedade afetada de arcar com seus próprios recursos.

A ocorrência dos fenômenos além da sua intensidade estará relacionada também com a probabilidade de áreas específicas. Essas localidades classificadas com recorrência de eventos naturais e ocupadas por agentes sociais, serão classificadas como propensas a desastres naturais e, com isso, possíveis de serem categorizadas em diferentes graus de risco.

As áreas de risco são geradas a partir de um conjunto de medidas inadequadas ou inexistentes do planejamento territorial, onde a possibilidade de moradia por indigência de opção e/ou valor pode resultar em transformações do espaço urbano integrado ao espaço natural.

A preocupação com a ocupação dessas áreas de risco torna-se mais importante quando considerados médios e pequenos municípios, devido ao fato de ter recursos mais limitados, equipe técnica reduzida e a falta de conscientização da importância do planejamento e gestão dos desastres naturais. Para Tasca *et al.* (2015), nestes municípios a gestão é realizada por secretarias, nas quais

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

não são diretamente vinculadas ao poder público municipal, geralmente com a estrutura técnica, administrativa e institucional mais frágil.

Com isso, o presente trabalho tem por objetivo enfatizar a pesquisa acadêmica enquanto instrumento para o estudo de áreas de risco em médios e pequenos municípios, para que possam servir como ferramenta de prevenção aos desastres naturais, e ainda integrar a relação entre a universidade e a comunidade.

### REFERENCIAL TEÓRICO

Ao estudar os desastres naturais, é necessário realizar uma revisão bibliográfica dos conceitos relacionados à temática. A suscetibilidade pode ser entendida como um evento, processo, ação ou fenômeno que pode ou não, causar danos à propriedade, perturbação social e econômica e até perda de vidas (Robaina e Oliveira, 2013).

Para Kobiyama (2006), o risco deve abranger o perigo de ocorrência do fenômeno e a vulnerabilidade (relacionada à fragilidade social) do sistema que está sob análise. Rosa (1998, p. 28) define que o risco “é uma situação ou evento no qual algo que é valorizado (incluindo os próprios seres humanos) foi colocado em jogo e no qual o resultado é incerto”.

Apesar da similaridade, os conceitos de perigo e risco devem ser entendidos como distintos. Ogura e Macedo (2002), explicam essa diferenciação através do fenômeno tornado, ele acontecerá em tempo e localização de acordo com sua rota previsível, desta forma, será considerado como um perigo/ameaça potencial. Se esse tornado segue em direção a uma população, a situação passa a caracterizar o risco, devido às possibilidades de dano. Enquanto o perigo corresponde a um fenômeno natural que habitua já a ocorrer em uma determinada área, o risco estará relacionado a esse fenômeno atingir uma população e causar danos.

Vulnerabilidade, para Blaikie *et. al.* (1996) é entendida como características de uma pessoa ou de um grupo tendo em conta a sua capacidade de antecipar, sobreviver, resistir e recuperar do impacto de uma ameaça natural. Ainda envolve uma combinação de fatores que irão determinar o grau que a vida e o sustento de alguém sejam colocados em risco por um evento adverso.

Partindo do entendimento da relação entre os conceitos, as áreas de risco serão a proporção do risco com a vulnerabilidade. Robaina e Oliveira (2013, p. 25) consideram áreas de risco “como elementos historicamente construídos no espaço urbano das cidades ao longo dos seus processos de ocupação, sendo resultado da relação entre os elementos naturais e as relações sociais, permeadas pela desigualdade, as quais se materializam no espaço”.

Para este trabalho, considera-se municípios pequenos, aqueles de acordo com Santos (1981) aglomerados urbanos que atende as necessidades básicas de sua população, ainda que esta receba de outras cidades serviços e equipamentos especializados. E para Sposito (2010) as cidades médias são aquelas que desempenham ligações de intermediação entre as pequenas e grandes cidades. Ainda, pontua-se municípios pequenos aqueles que possuem até 99 mil habitantes; médios municípios entre 100 mil e 499 mil habitantes; e grandes municípios acima de 500 mil habitantes.

A análise dos municípios indicados como pequenos ou médios, envolve a consolidação de diversos fatores, com o objetivo de compreender a suscetibilidade a eventos adversos, como a

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

localização geográfica, histórico de ocorrência, o uso do terreno e infraestrutura urbana. As fontes de dados utilizadas auxiliarão a compreender a dinâmica dos desastres, por meio de dados registrados em canais oficiais, disponíveis na Defesa Civil e agências de monitoramento, juntamente com a utilização dos censos populacionais para abranger a distribuição da população e as características socioeconômicas desses locais.

Ainda ressalta-se os Sistemas de Informações Geográficas (SIG) como possibilidade de análise das informações geoespaciais e mapeamentos efetivos da avaliação da fragilidade e da vulnerabilidade. A consulta dos dados foi realizada no Atlas Digital de Desastres Naturais (Brasil, 2023).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As áreas de risco configuram, em geral, locais com ocupações em lugares considerados irregulares devido às restrições de uso. O valor do solo corresponde pelo seu valor de uso, no qual é determinado pelos agentes sociais.

Maricato (2000) explica que o modo desordenado de ocupação acabou por exacerbar os processos de exclusão social associados à desigualdade na distribuição de renda, promovendo a concentração da população mais pobre em assentamentos precários em áreas com baixa condição de habitabilidade. Com isso podemos considerar que esses locais são gerados devido a indigência do planejamento territorial e de políticas públicas.

Quando tratamos de áreas de risco em médios e pequenos municípios, concluímos por identificar barreiras consideráveis quando relacionadas a grandes municípios, isso porque, a previsão de potenciais impactos acaba por ser desconsiderada como um elemento de imediato de preocupação dos órgãos públicos.

Muitas vezes essa identificação não vem a ser acompanhada devido aos recursos limitados que essas localidades recebem, que adequa os recursos disponíveis para outros eixos de importância total da população, que não abarcam somente um grupo específico. Localidades com a limitação do entendimento das áreas de risco, tendem a ter uma menor capacidade de resposta aos eventos adversos.

Todavia, o conhecimento das áreas de risco está previsto pela Política Nacional e Defesa Civil, instituído pela Lei Federal nº 12.608/2012 (Brasil, 2012), que atribui responsabilidade a União, Estados e Municípios quanto a implementação de medidas voltadas à redução de riscos de desastres.

De acordo com o Atlas Digital de Desastres Naturais (Brasil, 2023), no Rio Grande do Sul, local característico de ocorrência de fenômenos hidrometeorológicos, entre 1991 e 2021, trinta municípios registraram mais de dez ocorrências de eventos como inundações, enxurradas e alagamentos, em grande maioria caracterizados por pequenos municípios, alguns locais registrando mais de vinte ocorrências.

O aumento e a frequência desses fenômenos destacam a importância contínua de aprimorar as técnicas de prevenção e mitigação do risco. A partir disto, a Universidade, enquanto instituição

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

fundamental, desempenha como função essencial a identificação e redução dos riscos associados aos desastres naturais.

Com isso, a pesquisa científica e acadêmica proporciona o entendimento mais pontual dos fenômenos naturais e das condições que contribuem para a ocorrência desse fenômeno, considerando as particularidades do lugar. Esse conhecimento especializado permite a identificação das áreas de risco e possibilita instrumentos de planejamento territorial.

Ainda, as universidades possuem o potencial de disseminação de informações quando consideramos comunidades locais. Os programas extensionistas, em parceria com órgãos governamentais, bem como organizações locais, facilitam a distribuição dessas informações, bem como a educação e conscientização do risco. Outrossim, as tecnologias de processamento de informações geográficas são indicativas na melhoria da capacidade de identificação e monitoramento das áreas de risco. Tanto as técnicas de modelagem quanto às análises dos dados, indicam possibilidades no desenvolvimento da pesquisa.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das medidas já existentes de mitigação do risco, a ocorrência dos eventos adversos ainda continuam sendo devastadores das comunidades afetadas, causando perdas materiais e humanas. Portanto, os estudos sobre os desastres naturais, no que compete às áreas de risco, desempenham um importante papel no planejamento urbano e nas estratégias de prevenção desses eventos. A produção e divulgação de materiais bibliográficos, se revestem de grande importância, pois possibilitam uma difusão das informações e, conseqüentemente, a discussão acerca dos desastres naturais.

Ressalta-se a importância das universidades enquanto provedoras de pesquisas, e as possibilidades de desenvolvimento em municípios carentes de informações de planejamento. No desenvolvimento de pesquisas, é possível o compartilhamento de informações de forma mais acessível, e ainda promover a conscientização das comunidades.

Logo, as universidades junto com os agentes sociais e a comunidade são capazes de transformar as instigações dos desastres naturais em medidas de planejamento mais eficazes em enfrentar os desastres naturais.

### AGRADECIMENTOS

Trabalho apoiado e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLAIKIE, P. *et al.* **Vulnerabilidad:** el entorno social, político y económico de los desastres. La Red. Perú, 1996.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

BRASIL. LEI Nº12.608. **Dispõe sobre as transferências de recursos da União aos órgãos e entidades dos Estados, Distrito Federal e Municípios para a execução de ações de resposta e recuperação nas áreas atingidas por desastres.** Brasília, DF: Presidência da República.

BRASIL. Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional. Secretaria de Proteção e Defesa Civil. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Estudos e Pesquisas em Engenharia e Defesa Civil. **Atlas Digital de Desastres no Brasil.** Brasília: MIDR, 2023

KOBIYAMA, M., *et al.* **Prevenção de Desastres Naturais:** conceitos básicos. Organic Trading. Curitiba, 2006.

MARICATO, E. **As Ideias Fora do Lugar e o Lugar Fora da Ideias:** planejamento urbano no Brasil. Vozes. Petrópolis, 2000.

OGURA, A., MACEDO, E. S. *II Curso Internacional de Aspectos Geológicos de Protección Ambiental. Procesos y Riesgos Geológicos.* Oficina Regional de Ciencia. Campinas, 2002.

ROBAINA, I. E. S., OLIVEIRA, E. L. A. **Bases Conceituais para o Estudo de Áreas de Risco em Ambientes Urbanos.** *In:* Desastres Naturais no Rio Grande do Sul.: Editora UFSM, 2013.

ROSA, E. A. Metatheoretical Foundations for post-normal Risk. **Journal of Risk Research**, 1998.

SANTOS, M. **Manual de Geografia Urbana.** São Paulo: Hucitec, 1981.

SPOSITO, M. E. B. Desafios para o estudo das cidades médias. Seminário Internacional de La Red Iberoamericana de Investigadores sobre Globalización y Territorio, 11., 2010, Mendoza. **Anais Mendoza:** UNCUIYO - Universidad de Cuyo, 2010.

TASCA, F. A., *et al.* Gestão da Drenagem Urbana em Municípios de Pequeno Porte da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí Açu. Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos - Segurança Hídrica e Desenvolvimento Sustentável: Desafios do Conhecimento e da Gestão. 11., 2015, Brasília. **Anais....** Brasília, 2016.

UNITED NATIONS INTERNATIONAL STRATEGY FOR DISASTER REDUCTION (UNISDR). **Terminology on Disaster Risk Reduction.** Suíça: United Nations, 2009.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

### GEOGRAFIA LITERÁRIA - NOVAS ABORDAGENS PELA GEOGRAFIA

*Amanda Rech Brands<sup>(1)</sup>, Natália Lampert Batista<sup>(2)</sup>;*

<sup>(1)</sup>Graduanda em Geografia Bacharelado, Universidade Federal de Santa Maria, amanda.rech@acad.ufsm.br

<sup>(2)</sup>Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Maria, natalia.batista@ufsm.br

---

**Resumo:** A Geografia, ao longo de sua formação como ciência, muito se utilizou da Literatura como uma rica fonte de dados acerca das diferentes realidades territoriais. Este fato foi alterado com a intensa visão positivista que tomou o cenário científico e rompeu com a validade do saber advindo de escritos literários na Geografia, no mesmo momento em que influenciou a consolidação deste campo como uma ciência. Dessa maneira, este texto pretende pensar a relação entre Geografia e Literatura ao longo do pensamento geográfico, trazendo pistas para uma aproximação da mesma. Tem um cunho teórico e descritivo. Entende-se, ainda, que este é um dos muitos recortes que podem ser trabalhados ao se tratar do uso da Literatura na Geografia, um campo que possui enorme potencial para novas pesquisas, em diferentes temas.

**Palavras-chave:** Geografia Literária; Evolução do Pensamento Geográfico; Novas Perspectivas.

---

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que a Literatura, a qual é aqui compreendida pelo viés do pesquisador Antonio Cândido como “[...], todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (Candido, 1995, p.242), esteve presente na ciência geográfica desde os seus primórdios. Fato que pode ser visualizado com o aparecimento de referências literárias em obras como “Cosmos” de Alexandre Von Humboldt, tido como pai da Geografia, por exemplo.

Por mais próximas que estas áreas tenham sido, dentro da Geografia o uso da Literatura se deu majoritariamente como um objeto de apoio, uma abordagem utilizada para agregar valor a outros estudos, não sendo considerada propriamente como uma forma verídica e científica. No entanto, um movimento contrário a essa percepção vem se moldando, iniciando-se com os estudos literários dentro da corrente da Geografia Cultural constituída ao longo do século XX (Suertegaray, 2005), mas também atualmente pela Geografia Literária que reivindica um espaço autônomo para estas pesquisas.

Entendendo esta conjuntura na qual estão inseridos os trabalhos literários na Geografia o presente estudo objetiva a construção de uma breve caracterização dos diferentes momentos existentes ao longo da ciência geográfica, partindo desde as suas expressões pré-científicas, até a instituição de uma Geografia Literária. Para assim assimilar as diversas alterações ocorridas no pensamento geográfico, viabilizando uma melhor absorção da proposta deste novo movimento dentro da área, bem como as distintas abordagens existentes dentro do mesmo.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

1

### MATERIAIS E MÉTODOS

Assim, para a construção dos múltiplos momentos dos quais a Geografia perpassou utilizou-se como teóricos centrais Antonio Carlos Robert de Moraes com o livro intitulado “Geografia Pequena História Crítica” (1981) e a geógrafa Dirce Maria Antunes Suertegaray com seu artigo “Notas Sobre a Epistemologia da Geografia” (2005). Para que através de seus escritos seja traçada uma trajetória geográfica até a abordagem contemporânea da Geografia Literária, a qual iniciou-se em meados do ano de 1980.

E que será tratada utilizando-se das pesquisas realizadas por Júlio César Suzuki, especialmente no levantamento trazido no artigo “Geografia e Literatura: Abordagens e Enfoques Contemporâneos”. No qual, o autor elenca as cinco abordagens mais empregadas nos trabalhos da Geografia Literária com base em trabalhos apresentados em eventos de Geografia, publicações, dissertações e teses na mesma área, todos dentro de uma perspectiva nacional.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para se começar a falar da instituição de uma ciência geográfica é necessário inicialmente retomar ao que é conhecido como uma Geografia Pré-Científica que perdurou até o final do século XIX, momento em que efetivamente a área foi delineada cientificamente. O período pré-científico teve seu princípio juntamente com a humanidade, isso em razão da necessidade humana de se entender no espaço e também de se localizar, fato que pode ser visto nos mapas construídos pelas sociedades primitivas, como o mapa de Ga-Sur encontrado na região da Babilônia por exemplo, ou representações rupestres do espaço encontradas em sítios arqueológicos.

Ainda, um pouco mais a frente disso, pode-se apontar a rica produção de conhecimento geográfico nos antigos saberes gregos. Através de nome como Estrabão com a obra “Geographia” composta por 17 volumes em que o autor apontava as características da sociedade e do mundo conhecido até o momento, Eratóstenes conhecido por sua precisão no cálculo da circunferência da Terra e a distância do planeta ao sol, e Ptolomeu que escreveu uma coleção também denominada “Geographia” de oito volumes voltados para questões de latitude e longitude, além de ter sido o responsável pela criação da teoria Geocêntrica (Cavalcanti; Viadana, 2010).

O fim do que se conhece por Geografia Pré-Científica ocorreu com a instauração da primeira corrente da área, a Geografia Tradicional quando, na Alemanha do início do século XIX (Moraes, 1981), Alexander Von Humboldt e Karl Ritter, influenciados pelo Positivismo da época e pela necessidade que o país enfrentava de compreender o espaço em razão da sua unificação, sistematizaram os primeiros temários de estudos da área, dando os contornos iniciais a uma delimitação de um objeto de estudos. Assuntos como questões de domínio e organização espacial, ocupações territoriais e as transformações regionais foram alguns dos temas centrais pontuados neste princípio.

Quanto a percepção de cada um destes geógrafos, entende-se que para Humboldt “[...] a Geografia (serviria) como a parte terrestre da ciência do cosmos, isto é, como uma espécie de

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

síntese de todos os conhecimentos relativos à Terra” (Moraes, 1981, p. 47), cabendo assim o entendimento de todos os fenômenos naturais e físicos, bem como suas interrelações, por meio da observação. Já para Ritter o foco seria “[...] principalmente, um estudo dos lugares, uma busca da individualidade destes” (Moraes, 1981, p. 49), por este viés, privilegiando as características unas dos sistemas naturais de forma que fosse captada a relação entre a humanidade e o “criador”.

Além destes pesquisadores, ainda dentro da Geografia Tradicional, mas agora no último quartel do século XIX (Moraes, 1981), o alemão Friedrich Ratzel surge instaurando a chamada Antropogeografia, produzindo escritos que fomentaram e embasaram o expansionismo da Alemanha, pós unificação, dando-lhe o aval para a inserção de políticas expansionistas por meio de teorias como a “Espaço Vital”. Para Ratzel, então, o foco dos estudos geográficos deveria ser a forma como os agentes naturais influenciaram as sociedades e, conseqüentemente, sua evolução, uma visão que pode ser interpretada como de extremo determinismo geográfico.

Em oposição a Ratzel, aparece na França do século XIX (Moraes, 1981) a escola de Geografia Humana criada por Vidal de La Blache, que criticava fortemente o determinismo em ascensão na Alemanha e a falta do caráter humano nas pesquisas realizadas em Geografia que se centravam nos elementos naturais. Já que estas duas potências se encontravam em conflito, fato que pode ser constatado, por exemplo, na Guerra Franco-Prussiana de 1870, em que Alemanha, até então denominada Prússia, disputou a hegemonia do Continente Europeu com a França, divergências que se manifestaram na ciência. Assim, a ideologia liberal de La Blache condenava o uso da Geografia para interesses políticos, argumentando que a ciência não deveria ser produzida sob nenhum viés.

Após isso, só houve um momento de ruptura decisivo depois da década de 1970 (Moraes, 1981), quando a Geografia passou a sofrer movimentos de renovação de diversas perspectivas a fim de dar mais espaço para as pesquisas e ampliar o potencial da área, devido a defasagem da corrente anterior para com as novas questões que surgiram, como a demanda por um planejamento territorial e intervenção nas crises urbanas e agrárias. Esta renovação pode ser resumida em dois grupos centrais devido a posicionamentos políticos e finalidades gerais, são estas duas correntes a Geografia Pragmática que não rompeu propriamente com os padrões da Geografia Tradicional, e a Geografia Crítica a qual prioriza aspectos sociais.

No caso da Geografia Pragmática, presente desde a década de 1950 (Suertegaray, 2005), houve uma tentativa de mudança metodológica, com a implementação de novas técnicas e linguagens para desempenhar os papéis de planejamento. No entanto, esta corrente perpetuou a finalidade existente na Geografia Tradicional, continuando a ser objeto de uma burguesia dominante, servindo ao estado capitalista, só que neste período focando na utilização de modelos matemáticos, colocando-os como única forma verídica da expressão dos fenômenos geográficos. Métodos que mascaravam interesses como o aumento dos lucros e acumulação de capital, conservação da exploração trabalhista e corroboração do poder do capital sobre o espaço (Moraes, 1981).

Já a Geografia Crítica aparece como um ato de oposição a estas práticas e pensamentos, consolidando-se apenas após os anos de 1970 (Suertegaray, 2005) devido a ditadura, com o viés político bem determinado, lutando por uma maior justiça social, desvinculando-se do estado

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

capitalista e das noções de apropriação do espaço para a geração de lucro. Assumindo ainda o posicionamento de uma ciência militante que busca ser um meio para a libertação humana das mazelas do capitalismo, um instrumento político capaz de escancarar as razões das crises sociais existentes, não se detendo apenas a esfera acadêmica e muitas vezes criticando-a em razão da estagnação que desempenhou ao limitar as pesquisas, ficar presa a modelos tradicionais e buscar uma produção “apolítica” (Moraes, 1981).

Ainda na década de 1970 (Suertegaray, 2005), se inicia a inserção de uma visão fenomenológica na Geografia, em que o centro das pesquisas partem de uma interpretação mais subjetiva dos fenômenos, colocando o ser humano como detentor do conhecimento em perspectivas culturais, materiais, ideais ou naturais, nesse momento começa a reinserção do uso da Literatura pela Geografia. Sendo os pesquisadores da Geografia Cultural conhecidos como geógrafos humanistas, visto que estes pesquisam a partir da ideia de mundo vivido e da percepção, onde se interseccionam os aspectos naturais, sociais e culturais, a partir de conceitos como os de Paisagem, Espaço e Lugar, para compreender como as experiências estão ligadas ao espaço e ao tempo (Suertegaray, 2005).

Na Pós-Modernidade, a partir da década de 1970 (Suertegaray, 2005), a valorização do ambiente dá margem para a integração de movimentos políticos radicais preocupados não só com a natureza, mas também com o âmbito social, como é o caso da Geografia Anarquista que se apresenta com maior destaque neste período. Nesta corrente se destacam os geógrafos Piotr Kropotkin e Élisée Reclus dos escritos os quais embasaram as pesquisas sobre a organização do espaço e o ambiente, associadas ao movimento ambientalista, junto a luta por sociedades igualitárias, trazendo ainda a noção de autogestão, clássica noção anarquista, atrelada ao ambiente e ao território (Suertegaray, 2005).

Já em meados de 1980 (Monteiro, 2002), no Brasil, através das pesquisas de Geografia e Literatura do geógrafo Carlos Augusto Figueiredo Monteiro se intensifica uma nova tendência dentro das pesquisas da área, mesmo que tendo se iniciado com Pierre Monbeig na década de 1940 (Suzuki, 2017), que se moldou e ocasionou no movimento da Geografia Literária. Movimento este que vai além da simples interpretação das paisagens contidas nos livros literários, como ocorria nos primeiros trabalhos, podendo ser aplicado a diversas perspectivas sem subordinar-se a nenhuma corrente específica (Collet, 2012). Dentre as abordagens que despontam em maior número nacionalmente nos artigos, dissertações, teses e trabalhos apresentados no IX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia - ENANPEGE, é possível delimitar cinco principais ramificações na Geografia Literária, conforme evidencia Suzuki (2017), reiterando que estas não são perspectivas absolutas e imutáveis, apenas um recorte. São elas: Geografia Humanista, Cultural e Fenomenológica, Geografia e Estética Literária, Literatura e Ideologias, Reprodução das Relações Sociais e, por último, Geografia, Literatura e Ensino. Em que, na Geografia Humanista, Cultural e Fenomenológica estejam os estudos centrados no sujeito, por meio dos simbolismos, experiências e vivências. Na Geografia e Estética Literária entram em foco as particularidades das obras literárias. A abordagem de Literatura e Ideologias recai em estudos com destaque sobre ideologias espaciais e projetos de nação. Para a reprodução das relações sociais existe um viés político maior, em que são trabalhados com questões sociais. E na Geografia,

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

Literatura e Ensino havendo um direcionamento para metodologias de ensino por meio da literatura.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, através da construção destas mutações enfrentadas pela Geografia ao longo de sua história, compreende-se que se trata de uma ciência maleável, capaz de se alterar conforme as demandas da sociedade para melhor interpretar os problemas e as necessidades que permeiam o espaço geográfico. Fato esse que é comprovável ao analisar a Geografia em seus primórdios, diretamente ligada a questões de domínio espacial, sendo subordinada ao Estado, e compará-la às múltiplas linhas de pensamento e pesquisas atuais que não servem mais como ferramenta do Estado, mas sim de objeto de estudos do espaço geográfico em suas diferentes perspectivas, seja de Geografia Cultural, Geografia Crítica, ou de Geografia Anarquista.

Com isso, independente de qual corrente seja trabalhada, levando em consideração seus diferentes vieses, a Geografia Literária por meio de suas distintas abordagens pode servir como um novo expoente de pesquisas de grande potencial, retomando a ligação entre Geografia e Literatura. Visto que, conforme exposto anteriormente, existem muitas perspectivas que possibilitam o uso da Literatura pela Geografia de forma científica, e não mais apenas como um objeto de apoio, podendo ser desbravadas em conjunto com a vasta gama de produtos literários existentes nacional ou internacionalmente.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, A. **Vários Escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995.

CAVALCANTI, A. P. B.; VIADANA, A. G. Fundamentos Históricos da Geografia: Contribuições do pensamento filosófico na Grécia Antiga. In: GODOY, P. R. T. (org). **História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia**. São Paulo. Editora UNESP, 2010. Disponível em:

<https://static.scielo.org/scielobooks/p5mw5/pdf/godoy-9788579831270.pdf#page=12>. Acesso em: 13 Nov. 2023.

COLLOT, M. **Rumo a uma Geografia Literária**. Gragoatá. Niterói, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33006>. Acesso em: 27 Nov. 2023.

MONTEIRO, C. A. de F. **O Mapa e a Trama**: Ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MORAES, A. C. R. **Geografia: Pequena História Crítica**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1981.

SUERTEGARAY, D. M. A.. Notas Sobre a Epistemologia da Geografia. **Cadernos Geográficos**. Florianópolis, 2005. Disponível em:

<https://cadernosgeograficos.paginas.ufsc.br/files/2016/02/Cadernos-Geogr%C3%A1ficos-UFSC-N%C2%BA-12-Notas-sobre-a-Epistemologia-da-Geografia.-Maio-de-2005.pdf>. Acesso em: 29 Out. 2023.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

SUZUKI, J. C. **Geografia e Literatura: Abordagens e Enfoques Contemporâneos.** Revista Centro de Pesquisa e Formação. Bela Vista, 2017. Disponível em:  
<https://portal.secsp.org.br/files/artigo/e5e7f714/f8ed/443d/b048/0b3a58e284cc.pdf>. Acesso em: 27 Nov. 2023.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

### OFICINAS DE ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA COM O USO DO GOOGLE EARTH: MAPEANDO COM A VISÃO DOS PASSARINHOS

*Lais Regina Negrini<sup>(1)</sup>, Elvani da Rocha Fagan<sup>(2)</sup>*

*(<sup>1</sup>) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, lali\_negrini@hotmail.com*

*(<sup>2</sup>) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, elvanifagan@gmail.com*

---

**Resumo:** A Cartografia Escolar é um importante ramo do Ensino de Geografia que promove a aprendizagem espacial através da compreensão e leitura de mapas. Para que esta interpretação ocorra é necessário que o aluno seja alfabetizado nesta linguagem. Visando promover esse conhecimento, esta pesquisa teve como Objetivo Geral propor uma Oficina de Alfabetização Cartográfica e como Objetivos Específicos desenvolver as noções do Alfabeto Cartográfico e Noções de Legenda a partir do uso de recursos geotecnológicos. A metodologia consistiu em propor a atividade de evidenciar elementos comuns ao espaço de vivência dos alunos na plataforma Google Earth *online* e em conjunto criar uma legenda para identificar os dados pontuados. A atividade se demonstrou como promotora no Ensino de Geografia trazendo uma melhor capacidade de raciocínio gráfico dos elementos de um mapa, e o uso Google Earth evidenciou a geografia presente nos aparatos tecnológicos presentes no cotidiano dos alunos.

**Palavras-chave:** Cartografia Escolar; Recursos Tecnológicos; Ensino de Geografia.

---

## INTRODUÇÃO

O Ensino de Geografia está intrinsecamente ligado às mudanças espaciais, pois o mesmo se (re)constrói a partir das dinâmicas resultantes da relação sociedade/natureza. Portanto, conforme os agentes estruturantes se modificam, novas formas de aprender e ensinar Geografia são incrementadas no cotidiano da sala de aula. Com estas constantes transformações, ocorre a necessidade de buscar novas metodologias e recursos, que supram a demanda de manter o aluno ativo e ao mesmo tempo em processo de evolução no aprendizado educacional. Portanto, se entende, que é preciso conciliar métodos e técnicas que sejam atrativos, de fácil implementação e entendimento, e que resultem na compreensão do aluno de que existe um objetivo proposto para esta aprendizagem.

Buscando trazer reflexão acerca desta condição, Pelizzari *et al* (2002 p.41) destacam que “o aluno que hoje frequenta uma escola infelizmente ainda vê o conhecimento como algo muito distante da sua realidade, pouco aproveitável ou significativo nas suas necessidades cotidianas.” Portanto, é de notório saber que é preciso buscar novas metodologias que resgatem ao aluno essa compreensão de que a escola é um espaço de suma importância no seu desenvolvimento pessoal e intelectual. Acredita-se que promover um maior engajamento nas atividades em sala de aula é também promover a construção de um aluno crítico a sua realidade, motivado a entender o real papel da escola (Educação Básica) na sua vida.

Ainda conduzindo essa ponderação sobre o ensino, porém adentrando o campo do Ensino de

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

Geografia, Castellar (2005) evidencia que é preciso superar os métodos tradicionais, que se demonstram repetitivos e arbitrários, oferecendo ao aluno abordagens que integrem seus conhecimentos prévios, buscando assim evidenciar a Geografia como ferramenta promotora na compreensão do espaço geográfico. Nessa mesma linha de entendimento, Callai (2005) coloca o Ensino do Lugar como palco de ações capaz de trazer concretude ao conhecimento espacial do aluno, dando ênfase sobre o espaço vivido como ponto de partida da análise espacial, porém sem hierarquizar de forma concêntrica, mas sim compreendendo as dinâmicas que constroem os espaços de forma singular (Callai, 2005).

Buscando abarcar esta concepção da necessidade de que o aluno a partir do seu espaço de vivência aprenda Geografia, esta pesquisa buscou inserir práticas de Ensino de Cartografia Escolar, que de acordo com De Almeida (2011) é uma área de Ensino e Pesquisa que interage dentro da relação tríplice entre Cartografia, Educação e Geografia. Atividades escolares que resgatem este campo do saber são métodos que devem ser utilizados de forma recorrente no Ensino de Geografia, pois a Cartografia Escolar além de auxiliar o aluno a compreender a linguagem dos mapas, promove através desta construção intelectual a interpretação autônoma das situações presentes no seu cotidiano (Castellar, 2017).

Posto isto, a partir de pesquisas e criatividade dos educadores surgiram inúmeras possibilidades de ensino da Cartografia Escolar juntamente com as geotecnologias (Da Silva; Carneiro, 2012; Evangelista *et al.*, 2017; Rizzatti 2022; Halaszen; Gomes, 2022). E consequentemente, ao inserir esses recursos como metodologia pedagógica, tem-se a proposta de coesão do Ensino de Geografia/Cartografia juntamente com aparatos e produtos comuns ao cotidiano do aluno. Para Halaszen e Gomes (2022) às tecnologias geocolaborativas se caracterizam como uma Metodologia Ativa que contribui de forma significativa na análise de contextos territoriais, e que trazem protagonismo ao estudante na construção do conhecimento.

Visando trazer esta integração de aprender Geografia e Cartografia utilizando recursos geotecnológicos, abre-se caminho para pensar em propostas que integrem a Alfabetização Cartográfica, que é o primeiro passo a direcionar o aluno a compreender a estruturação da linguagem dos mapas (Pissinati; Archela, 2007, Simielli, 2005). Portanto, o objetivo geral desta pesquisa foi o de promover o Ensino de Cartografia através de Oficinas de Alfabetização Cartográfica, e os específicos de desenvolver as noções do Alfabeto Cartográfico e Noções da Legenda a partir do recurso geotecnológico *Google Earth*, junto a alunos do Ensino Fundamental II.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Pensar na construção da metodologia das oficinas requer antes de tudo pensar no ambiente escolar e seus integrantes. A escola possui um acervo moderno de *Notebooks*, item que se demonstrou de grande relevância e oportunizou a pesquisa. Quanto ao recurso geotecnológico, a interface do *Google Earth* permite ao educador trazer à sala de aula uma ferramenta de fácil usabilidade e com um vasto banco de dados geográfico disponível de forma gratuita. Ao utilizar a ferramenta de incluir um novo projeto, é possível deliberar pela opção de adicionar um marcador

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

local, ou então optar por desenhar linha ou forma (polígono). Portanto, visando trazer ao reconhecimento dos alunos a concretude do Alfabeto Cartográfico composto por ponto, linha e polígono essa ferramenta se mostra como uma opção na promoção do Ensino de Cartografia. Em se tratando de elucidar questões referentes à Legenda, é possível alterar o marcador de local com ícones representativos ao ponto, assim como atribuir cores às linhas e aos polígonos. Ter estas opções traz ao elemento representado pelo aluno no *Google Earth* a simbologia das representações cartográficas.

A oficina se baseou no roteiro didático proposto por Simielli (2005), que orienta Noções Cartográficas a serem adquiridas pelos alunos para a sua correta leitura de mapas. A Tabela 1 evidencia os elementos pré-estabelecidos que perfizeram a atividade de reconhecer o lugar através da Cartografia Escolar:

**Tabela 1.** Elementos pré-estabelecidos para desenvolver a atividade de Cartografia Escolar representada através do Lugar.

Elemento:	Relação cotidiana com os alunos:
Linha Caminho de Pedestres	Utilizado pela população para encurtamento do acesso a via principal do bairro.
Linha Sanga Lagoão do Ouro	Arroio que corre ao lado da escola.
Polígono da Praça	Amplamente utilizada como espaço de lazer pelos alunos.
Polígono da área da escola	Principal espaço de vivência dos alunos nas suas relações sociais.
Polígono quadra da escola	Área de localização da Escola.
Ponto Academia ao ar livre	Presente em uma praça próxima a entrada secundária da escola.
Ponto Caixa d'água	Localizada em uma área mais elevada, sendo vista por todo entorno do bairro.

**Organização:** As autoras, 2023.

Para propor as noções de legenda, optou-se em orientar o mais próximo possível das Convenções Cartográficas, portanto os pontos Caixa d'água e Academia ao ar livre tiveram seus marcadores de local representados por ícones conforme sua representação gráfica mais próxima. O arroio teve o traçado em azul e o trajeto de pedestres marrom. Os polígonos da escola, da praça e da quadra foram em tema livre, pois o ordenamento foi com fins qualitativos, sem ordenamento de grandeza.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina ocorreu em abril de 2023, os sujeitos da pesquisa foram duas turmas do sétimo ano do Ensino Fundamental II, de uma escola estadual situada em área periférica do bairro Camobi em Santa Maria/RS. A atividade se desenvolveu em um encontro de 45 minutos por turma, no turno manhã. Os alunos foram organizados em nove duplas/trios, cada qual com um *Notebook* do acervo escolar. Dentro dos resultados esperados, a oficina teve dois aspectos bem destacados que diferenciaram a dinâmica dos grupos, sendo: a turma A teve um maior número de elementos evidenciados, porém com uma sequência maior de erros ou desistência em fazer a atividade. E a turma B teve um maior engajamento, porém a atividade ficou incompleta. A figura 1 visa demonstrar os resultados dos grupos por turma:

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

**Figura 1:** Representação quali quantitativa dos resultados da Turma A e da Turma B.

ATIVIDADE PONTO, LINHA E POLÍGONO Turma A								ATIVIDADE PONTO, LINHA E POLÍGONO Turma B			
Grupo	Polígono escolas	Polígono praçinha	Ponto academia	Linha Sanga	Linha Caminho	Ponto caixa d'água	Polígono Roteiro	Grupo	Polígono escola	Linha Sanga	Polígono Roteiro
01								01			
02								02			
03								03			
04								04			
05								05			
06								06			
07								07			
08								08			
09								09			
<div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <span>COMPLETO</span> <span>INCOMPLETO</span> <span>NÃO FEZ</span> </div>								<div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <span>COMPLETO</span> <span>INCOMPLETO</span> <span>NÃO FEZ</span> </div>			

Org: As autoras

Observou-se que a maior dificuldade na concretização da atividade foi em atender as dúvidas mecânicas dos alunos, pois ao direcionar a ajuda ao solicitante os demais alunos se dispersaram do foco necessário para a atividade. Esta situação se repetiu mais vezes com a turma A, e dessa forma, acredita-se que a desistência em cumprir a atividade esteja relacionada a este fator. Outro aspecto que se destaca é a questão do tempo disponível para a execução, visto que, atividades que tragam técnicas que não façam parte do cotidiano da sala de aula exigem aperfeiçoamento dos alunos, o que denota um tempo maior para cumprir a atividade. Esta situação pode ser evidenciada a partir da oficina com a Turma B, que teve a maioria dos grupos dedicados ao trabalho, porém com uma quantidade menor de levantamento de elementos. Posto isto, ainda se entende que ter um monitor que auxilie o ministrante a sanar as dúvidas é de grande valia, pois otimiza as dúvidas recorrentes e mantém a fluidez das explicações.

Os alunos se demonstraram entusiasmados em praticar esta atividade, sendo muitas vezes autônomos em sua aprendizagem. Teceram inúmeros comentários sobre as questões espaciais vistas de forma vertical através da plataforma *Google Earth*, e desta forma, evidenciaram que estavam mapeando a partir da visão dos passarinhos. Salienta-se que o desenvolvimento das noções dos tipos de visão (vertical/horizontal/frontal) é uma das noções de Alfabetização Cartográfica propostas por Simielli (2005) portanto, a oficina trouxe concretude e aperfeiçoamento aos alunos nas questões de leitura espacial.

Da Silva e Carneiro (2012) ao utilizarem a mesma plataforma junto a alunos do Segundo Ano do Ensino Médio evidenciaram que este recurso torna as aulas mais atraentes e facilita o alcance de diversos objetivos, porém é indispensável que o professor tenha domínio sobre a plataforma para auxiliar os alunos nas demandas. Evangelista *et al* (2017) relatam que o uso de geotecnologias encoraja e desperta o aluno a reconhecer o conhecimento geográfico no seu cotidiano, e que auxilia o professor a trabalhar diversos conteúdos de forma multivariada e interdisciplinar.

Durante a produção das demarcações, os alunos puderam observar a concretude de como se dispõe os elementos cartográficos, assim como suas distintas formas visuais e iconográficas utilizando como recurso uma plataforma espacial com dados abertos. É importante idealizar junto a

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

pesquisas acadêmicas e estas construir junto as escolas de Educação Básica trabalhos que resgatem e tragam novas perspectivas de ensino. Diante da atual construção espacial, é indispensável que a escola e o cotidiano do aluno interajam entre si, para dessa forma desencadear novos conhecimentos e que esses encorajem e motivem os alunos a compreenderem a real função social da escola.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina ofereceu a possibilidade de os alunos elaborarem seus próprios mapas, sendo sujeitos ativos durante todo o processo e desta forma, saindo do modelo de ensino tradicional de Cartografia que se perpetua com o aluno copiando e reproduzindo mapas prontos (Simielli, 2005). Ademais, esta atividade incentivou os alunos a reconhecerem seus espaços de vivência assim como a perceber a presença da geografia no cotidiano através das geotecnologias. É de tamanha importância oferecer aos alunos meios que incentivem a análise espacial de forma autônoma, portanto, trabalhos como este, que integrem cartografia e geotecnologias são terrenos férteis para desencadear novos conhecimentos geográficos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos Cedes**, v. 25, p. 227-247, 2005.

CASTELLAR, S. M. V.. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Cadernos Cedes**, v. 25, p. 209-225, 2005.

CASTELLAR, S. M. V. Cartografia escolar e o pensamento espacial fortalecendo o conhecimento geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, n. 13, p. 207-232, 2017. Disponível em: <https://encr.pw/MJb9V> Acesso em: 1 dez. 2023.

DA SILVA, F. G.; CARNEIRO, C. D. R. Geotecnologias como recurso didático no ensino de geografia: experiência com o Google Earth. **Caminhos de Geografia**, v. 13, n. 41, p. 329-342, 2012. Disponível em: <https://encr.pw/FskOd> Acesso em: 1 dez. 2023.

DE ALMEIDA, R. D. **Cartografia escolar**. Editora Contexto, 2011.

EVANGELISTA, A. M; MORAIS, M. V. A. R; SILVA, C. V. R. Os usos e aplicações do Google Earth como recurso didático no ensino de Geografia. **PerCursos**, v. 18, n. 38, p. 152-166, 2017. Disponível em: <https://encr.pw/PDhHZ52> Acesso em: 1 dez. 2023.

HALASZEN, L; GOMES, M. de F. V. B. Tecnologias geocolaborativas na educação geográfica: uma busca pela formação cidadão. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 12, n. 22, p. 05-20, 2022. Disponível em: <https://acesse.dev/NJNaR> Acesso em: 1 dez. 2023.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

PELIZZARI, A. *et al.* Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. **revista PEC**, v. 2, n. 1, p. 37-42, 2002. Disponível em: <https://11nq.com/SynRa> Acesso em: 1 dez. 2023.

PISSINATI, M. C; ARCHELA, R. S. Fundamentos da alfabetização cartográfica no ensino de Geografia. **Geografia (Londrina)**, v. 16, n. 1, p. 169-195, 2007. Disponível em: <https://encr.pw/kik73> Acesso em: 1 dez. 2023.

RIZZATTI, M. *et al.* Cartografia escolar, inteligências múltiplas e neurociências no ensino fundamental: a mediação (geo) tecnológica e multimodal no ensino de geografia. 2022. Disponível em: <https://11nq.com/BXuO> Acesso em: 1 dez. 2023.

SIMIELLI, M. Cartografia no ensino fundamental e médio. **A Geografia na sala de aula**, 2005.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

### POR QUE UTILIZAR A METODOLOGIA DE MODELAGEM PARTICIPATIVA 3D (MP3D) PARA MAPEAR ALAGAMENTOS E INUNDAÇÕES COM ALUNOS(AS) DO ENSINO FUNDAMENTAL?

*Franciele Delevati Ben<sup>(1)</sup>, Carina Petsch<sup>(2)</sup>*

<sup>(1)</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, francielidelevatiben@gmail.com

<sup>(2)</sup> Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Maria, carinapetsch@gmail.com

---

**Resumo:** Em 2023, o Brasil e especialmente o Estado do Rio Grande do Sul vem sendo marcado por desastres naturais do tipo hidrológicos, *e.g.* alagamentos, inundações e enxurradas. Sendo assim, ao buscar alternativas para mapear esses processos no Ensino Fundamental, tem-se a MP3D, que apresenta possibilidades de identificar, mapear e conhecer áreas sujeitas a inundações e alagamentos e baseia-se na extração de informações topográficas. O objetivo deste trabalho é destacar a importância da MP3D no mapeamento de inundações e alagamentos baseadas nas experiências de oficinas já realizadas. De forma geral, na aplicação das oficinas foi possível constatar que muitos alunos apresentaram dificuldades quanto ao processo de Alfabetização e Letramento Cartográfico, portanto a metodologia mostrou-se válida e potencializadora no processo de ensino e aprendizagem dos(as) alunos(as).

**Palavras-chave:** Cartografia Social; Cartografia Escolar; Ensino de Geografia.

---

## INTRODUÇÃO

Em 2023, a região sul do Brasil e especialmente o Estado do Rio Grande do Sul (RS) vêm sendo marcados por desastres naturais associados a eventos de precipitação, *e.g.* alagamentos, inundações e enxurradas. Sendo assim, é fundamental que já nos primeiros anos de vida, as crianças tenham acesso a uma educação voltada para os riscos (Oliveira; Cardoso, 2019). Ainda conforme Oliveira e Cardoso (2019), o risco baseia-se na percepção humana, logo, ao trabalhar com essa temática em sala de aula, por meio de mapeamento, faz com que a criança conheça os contextos que por vezes permeiam seus cotidianos.

À vista disso, existem diversas propostas de mapeamento, bem como Archela e Archela (2002, p. 167) enfatizam “[...] os mapas e outras formas de representação cartográfica podem ser feitos, observados e analisados não só no tradicional formato analógico, mas no formato digital e de forma tridimensional”. E por isso, a Metodologia de Mapeamento Participativo 3D (MP3D) apresenta possibilidades de identificar, mapear e conhecer áreas sujeitas a inundações e alagamentos, visto que é uma metodologia que baseia-se na construção de um modelo físico, isto é, uma maquete (Rambaldi, 2010). Em contrapartida, a MP3D é pouco explorada no ensino de Geografia para mapear áreas de riscos associados a eventos extremos de precipitação. Desse modo,

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

o objetivo deste trabalho é destacar a importância da MP3D no mapeamento de inundações e alagamentos baseadas nas experiências de oficinas já realizadas, com potencial de avanço em outras atividades.

### MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho possui uma abordagem qualitativa, visto que relata experiências da utilização da MP3D no mapeamento de inundações e alagamentos. Aspectos metodológicos da MP3D podem ser encontrados em Ben *et al.* (2023).

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a Reportagem do Jornal digital Gaúcha ZH<sup>4</sup> de agosto de 2023, o RS teve 446 decretos de desastres naturais em 2023, sendo o maior número em sete anos, pelo menos 18 pessoas perderam a vida, quase 300 ficaram feridas e 57,5 mil foram desalojadas entre janeiro e julho. No início do mês de setembro de 2023 a passagem de um ciclone extratropical pelo RS deixou 46 mortos, 46 desaparecidos e 340 mil pessoas afetadas, conforme levantamento da Defesa Civil (G1, 2023).

Com base nos últimos acontecimentos no Estado do RS, faz-se necessário expor esse assunto em sala de aula e explorar novas metodologias que trabalham com a temática, visto que, “a abordagem do risco associado a inundações, demanda uma perspectiva integradora que englobe natureza e sociedade” (Menezes; Robaina; Trentin, 2021, p.137). A Cartografia Social se mostra importante, pois é “[...] um meio que aproxima os alunos das técnicas tradicionais de Cartografia e de sua realidade” (Carvalho, 2016, p. 254).

As oficinas realizadas utilizando a MP3D foram desenvolvidas em três escolas de Santa Maria (RS). Ao todo, foram cerca de 50 alunos participantes dos sextos e sétimos anos do ensino fundamental. Em duas escolas havia o contexto de alunos residentes em áreas sujeitas à inundação devido ao transbordamento do rio Vacacaí-mirim. Nestas escolas os alagamentos aconteciam com frequência em ruas próximas ao trilho de trem que atravessa a cidade de Santa Maria (RS) e caracteriza áreas com maior privação social (Spode; Faria, 2020). Na outra escola, os alagamentos se caracterizam como mais frequentes e estão relacionados com problemas de infraestrutura urbana.

Na aplicação das oficinas envolvendo a MP3D observou-se que os(as) alunos(as) apresentaram dificuldades relacionadas ao processo de Alfabetização Cartográfica. Essas dificuldades estão associadas ao conceito de escala e curvas de nível no momento de transpor o mapa de duas dimensões para a maquete. Dessa forma, faz-se necessário desenvolver novas metodologias por meio da Alfabetização e Letramento Cartográfico desde os primeiros anos escolares, para que os(as) alunos(as) identifiquem e reconheçam seus lugares de vivências, visto que Richter (2017) destaca a importância de fortalecer a Cartografia ao integrá-la de maneira colaborativa com a Alfabetização Cartográfica e o Letramento Cartográfico na escola, visando o

<sup>4</sup> Jornal Gaúcha ZH: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/>

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

desenvolvimento das habilidades dos alunos na representação e compreensão do espaço. Quanto às facilidades em relação a MP3D, os(as) alunos(as) após compreenderem os conceitos de inundações e alagamentos, tiveram mais facilidade de mapear os alagamentos, visto que é o processo mais recorrente em seus cotidianos.

Além do mapeamento, os alunos participaram intensamente dos debates sobre os riscos à inundação e alagamentos no seu espaço de vivência. Diversos alunos relataram que já foram atingidos por inundações, em que o rio Vacacaí-mirim causou diversos estragos em suas casas. Outros alunos citaram que os alagamentos são frequentes nas ruas em que vivem, muitas vezes dificultando a saída de casa, destacando que “enche de água os buracos da rua” e “dá quase para nadar”, e a chegada à escola, pois na entrada acumula água devido ao mau escoamento das águas da precipitação. Em duas escolas, também foi relatado pelos alunos a questão do alagamento associado aos trilhos de trem que dificultam a passagem da água da chuva e represa o escoamento.

O trabalho de campo com os(as) alunos(as) foi realizado em uma das escolas para fins de validação dos pontos mapeados. Durante o trabalho de campo, os(as) alunos(as) fizeram relações entre o espaço vivido e o espaço mapeado na maquete. Portanto, observaram que as porções referentes ao Rebordo do Planalto, tratavam da parte mais alta representada na maquete. Além disso, observaram que diferentes usos do solo poderiam interferir no processo de escoamento e infiltração da precipitação, já que a escola se localiza na transição entre a área urbana e rural. Por fim, observaram no rio Vacacaí-mirim que havia marcas na vegetação de um nível mais alto do rio, porém não houve o processo de inundação em função de obras de contenção que foram realizadas nos últimos anos.

Ao término, os(as) alunos(as) de forma geral compreenderam os conceitos de alagamentos e inundação, pois conseguiram reunir suas vivências para mapeá-las, além de conseguirem compreender melhor como se localizar e se orientar no mapa. Logo, as oficinas fomentaram o processo de Alfabetização e Letramento Cartográfico dos(as) alunos(as) do Ensino Fundamental e o entendimento dos riscos a alagamento e inundações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação aos resultados obtidos com as oficinas mostrou-se válida e potencializadora no processo de ensino e aprendizagem dos(as) alunos(as). Os(as) alunos(as) também foram estimulados a refletir sobre esses processos e seus lugares de vivência para mapear. Os(as) participantes não ficaram restritos somente à elaboração dos modelos tridimensionais, mas tiveram a oportunidade de serem produtores de informações geográficas voluntárias.

## AGRADECIMENTOS

Trabalho apoiado e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHELA, R. S.; ARCHELA, E. Correntes da Cartografia teórica e seus reflexos na pesquisa. **GEOGRAFIA (Londrina)**, v. 11, n. 2, p. 161-170, 2002.

BEN, F.D. **O uso da metodologia de modelagem participativa 3D no ensino de geografia: mapeamento de áreas sujeitas a alagamentos e inundações na bacia hidrográfica do rio Vacacaí-mirim, Santa Maria/RS.** Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/30233>. Acesso em: 17 nov. 2023.

CARVALHO, J.I.F.; SANTOS, F. K. S.; CANÊJO, V.C.; SOUSA, L. A. A Cartografia Social como possibilidade para o Ensino de Geografia: A pesquisa colaborativa em ação. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 33, n. 2, 2016.

MENEZES, D. J.; ROBAINA, L.E.S.; TRENTIN, R. zoneamento e classificação das áreas de risco a inundação no município de Alegrete, RS. **RAEGA-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 50, p. 136-152, 2021.

OLIVEIRA, J. J. A.; CARDOSO, C. A contribuição do ensino de Geografia na educação para os riscos e os currículos escolares. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 9, n. 17, p. 68-85, ago. 2019.

RAMBALDI, G. **Participatory 3-Dimensional Modelling: Guiding Principles and Applications.** Wageningen, Países Baixos, 2010. 88p.

RICHTER, D. A linguagem cartográfica no ensino de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, n. 13, p. 277-300, 2017. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/511>. Acesso em: 01 dez. 2023.

SPODE, P. L.C.; FARIA, R. M. Indicadores de pobreza e privação social na área urbana de Santa Maria, Rio Grande do Sul. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 36, p. 9-29, 2020.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

### RELATO SOBRE OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA PESQUISA ACERCA DE DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS EM SÃO BORJA/RS

Carla Pizzuti Savian<sup>(1)</sup>, Natália Lampert Batista<sup>(2)</sup>

<sup>(1)</sup>Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, carla.pizzuti@acad.ufsm.br

<sup>(2)</sup>Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Maria, natalia.batista@ufsm.br

---

**Resumo:** O presente trabalho expõe os resultados iniciais de uma pesquisa que está em seus primeiros passos de desenvolvimento. É uma pesquisa que tem como um de seus objetivos compreender e refletir acerca das desigualdades socioespaciais na cidade de São Borja, no Rio Grande do Sul. Para tanto, investiga-se a possibilidade de utilizar a triangulação de métodos envolvendo a utilização de diferentes cartografias e os trabalhos de campo. De início, a pesquisa vem sendo conduzida com um vínculo com a Secretaria do Desenvolvimento Social da cidade e os Centros de Referência em Assistência Social (CRAS), sendo esse seu primeiro resultado. Com esse vínculo, espera-se promover diálogo com a população de São Borja e pensar sobre as contradições do espaço na cidade.

**Palavras-chave:** Desigualdade Socioespacial; Triangulação de Métodos; Cartografias; Trabalho de Campo.

---

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Conforme o título do texto expõe, discute-se os primeiros passos de uma pesquisa em desenvolvimento. Dessa forma, começo contextualizando de onde vem a vontade de desenvolvê-la. Foi lendo parte da obra de Carolina Maria de Jesus (1914-1977) que entendi que a desigualdade socioespacial deve ser pensada no plural, visto que se manifesta de forma distinta nos diferentes territórios e afeta o cotidiano de pessoas distintas de diferentes formas.

No livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” (Jesus, 2019)<sup>1</sup>, a autora relata o seu cotidiano enquanto mulher, negra, mãe solo e catadora de lixo morando na favela do Canindé, em São Paulo. Em “Casa de Alvenaria I: Osasco” (Jesus, 2021), o qual a autora escreveu após sair da favela devido ao sucesso do primeiro livro, onde conta a oportunidade que teve de visitar outras favelas brasileiras divulgando sua obra. Algumas dessas comunidades não são denominadas favelas, mas sim vilas, embora tenham características como habitações improvisadas, alta densidade populacional e ocupações em áreas de risco (Heidrich, 2013).

Uma das vilas visitadas por Carolina foi a Vila Vargas, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. No relato sobre essas visitas, a autora percebe e descreve em seu texto como a pobreza e a desigualdade se expressam de maneira diferente nos distintos lugares, assim como nas diferentes escalas. Além disso, relata como a pobreza afeta de maneira diferente os relacionamentos entre as pessoas. Inspirada pelas observações de Carolina, chego à reflexão de que uma pesquisa com métodos plurais poderia ser o caminho para pensar sobre desigualdades socioespaciais e, mais especificamente, a pobreza.

Ainda, é relevante considerar o fato de que ao se pensar em cidade, o imaginário comum é referente a grandes prédios, aos barulhos e ruas lotadas, que lembram as metrópoles do Brasil

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

(Rizzatti, *et. al.* 2022), como São Paulo ou Porto Alegre. Mas, como as desigualdades socioespaciais estão expressas em cidades que não fazem parte do imaginário da metrópole, e que ainda hoje possuem características muito relacionadas com o rural? Neste quadro, está a cidade de São Borja (RS), área de estudo da pesquisa, um município no pampa gaúcho, que embora possua muitas características agrárias e esteja muito ligado ao agronegócio, abriga 52.250 habitantes na área urbana, de um total de 58.549 pessoas (SEBRAE, 2020). Além disso, a dinâmica da cidade também possui especificidades quanto à localização de fronteira, visto que São Borja é uma cidade que delimita a fronteira entre Brasil e Argentina. Diante do exposto, o contexto em que a pesquisa sobre desigualdades socioespaciais em São Borja vem sendo conduzida leva a reflexão sobre cidades para além do imaginário da metrópole e sobre formas de desenvolver pesquisas nessas cidades.

### ASPECTOS METODOLÓGICOS

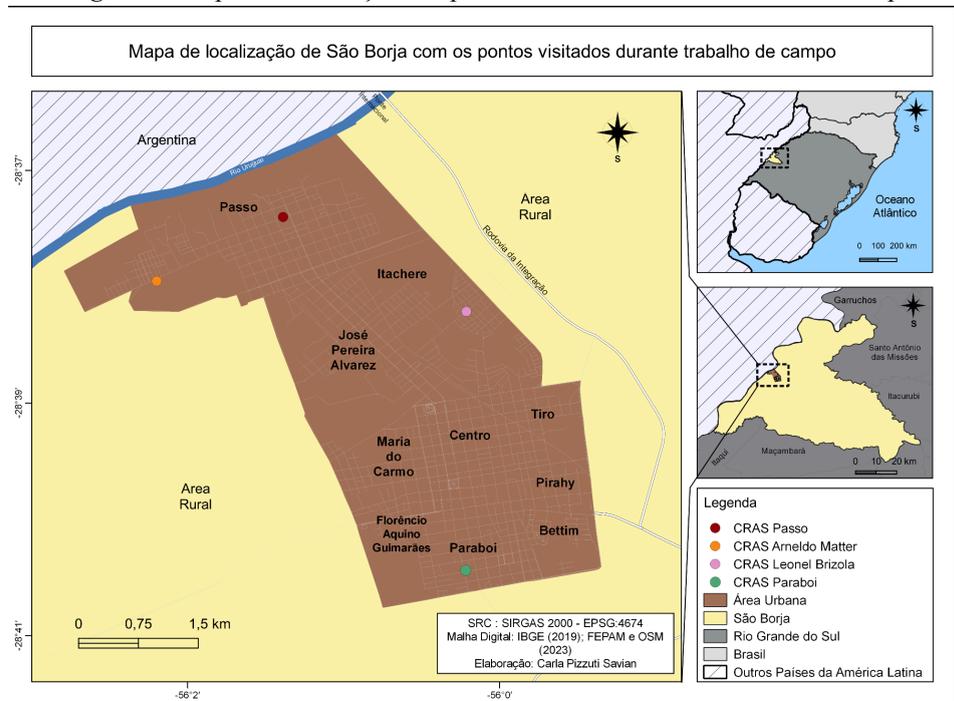
Para a pesquisa como um todo, eu e minha orientadora, estamos investigando a possibilidade de utilizar triangulação de métodos, com foco no uso de diferentes cartografias. Como por exemplo, a cartografia temática e a cartografia participativa, construída por meio do diálogo com a população. Buscamos o desenvolvimento de uma pesquisa que considere a organização da cidade, mas também o cotidiano das pessoas que nela vivem e resistem. Contudo, até o presente momento, foram traçados e caminhados os primeiros passos da pesquisa:

- Leituras bibliográficas sobre o tema e sobre a história do município de São Borja: Utilizando de fonte de dados a plataforma de Periódicos da CAPES e o manancial da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus São Borja.
- Realização de um primeiro trabalho de campo na cidade de São Borja: como critério para definir os pontos do primeiro trabalho de campo relacionado à pesquisa, utilizamos a localização do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da cidade de São Borja. Essa escolha se deu considerando que de acordo com o manual de orientações técnicas para Centro de Referência de Assistência Social (Brasil, 2009), os CRAS devem estar localizados em áreas de vulnerabilidade e risco social, conceitos que se relacionam com o de desigualdades socioespaciais. Além disso, esse critério justifica-se devido ao fato de que a pesquisadora identifica os CRAS como locais que podem mediar o contato com a população são-borjense.

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

**Figura 1:** Mapa de localização dos pontos visitados durante trabalho de campo



**Organização:** Carla Pizzuti Savian, 2023.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento foram realizadas visitas e reuniões com as assistentes sociais de dois CRAS do município de São Borja. Um deles, localizado no bairro Passo, na porção oeste da cidade de São Borja. O Passo é um bairro histórico muito importante para a cidade. Ainda, é um bairro periférico (Gonçalves, 2014), no sentido de que é distante do bairro Centro. Também, é um bairro local de moradia de pessoas de baixa renda, além de ser afetado pelos processos hidrológicos de inundação devido à proximidade ao Rio Uruguai. O segundo CRAS localiza-se no bairro Paraboi, no outro lado da cidade, se tomarmos como ponto de partida o CRAS do Passo, ficando na porção leste do município.

Durante a conversa com as assistentes sociais, constatamos que uma forma de entrar em contato com a população são-borjense é participando dos Grupos de Convivência. Sobre isso, em uma publicação do site da prefeitura de São Borja (2022) está-se colocado que os grupos de convivência são desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social nos CRAS, atendendo crianças, adolescentes, adultos no geral e idosos.

Nesses grupos, são desenvolvidas diferentes atividades, as quais possuem o objetivo de integração, entretenimento e lazer. Uma das atividades é a produção de artesanato, por exemplo. Mas, conversando com as assistentes sociais ficou claro que a maioria das frequentantes desses grupos são as mulheres, chefes de família, o que está sendo considerado como um resultado parcial. Além de realizar a reunião nos Centros de Assistência já citados, foram visitados os arredores de outros dois CRAS da cidade, no bairro Itachere e um segundo localizado no bairro Passo. A seguir,

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

a figura 2 mostra algumas fotografias do trabalho de campo (A= Bairro Florêncio Aquino Guimarães; B= Bairro Itachere; C= Bairro Passo; D= Bairro Passo).

**Figura 2:** Foto dos arredores de cada ponto visitado no trabalho de campo.



**Fonte:** Acervo de Carla Pizzuti Savian, 2023.

Não foi possível conversar com as assistentes sociais desses dois CRAS devido ao horário em que aconteceu o trabalho de campo, mas pretendemos realizar esse contato. Ainda, é relevante ressaltar que a fotografia é uma aliada das pesquisas geográficas. Isto porque a fotografia registra um tempo e espaço exato, onde existe uma organização socioespacial que está em constante modificação.

### BREVES CONSIDERAÇÕES

O município de São Borja não foi escolhido como área de estudo por mera praticidade ou pela viabilidade da pesquisa. Mas sim, por fazer parte da minha história e trajetória de vida. É de onde eu saí para me tornar geógrafa, mas também onde eu nasci e cresci, sendo para onde quero que os frutos retornem. Os primeiros passos de uma pesquisa se mostram muito importantes, pois é através deles que todo o restante do caminhar irá se dar. Nesse contexto, se percebe uma pesquisa que está se estruturando mediante uma relação entre Geografia e Serviço Social. Também, uma pesquisa que precisará ser construída por meio do diálogo, assim como toda a pesquisa que vai a campo e precisa conversar com as pessoas para existir sentido teórico e metodológico.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRAS. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações Técnicas Centro de Referência de Assistência Social - CRAS**. Brasília, 2009. Disponível em: <https://encurtador.com.br/bps06>. Acesso em 23. nov. 2023.

GONÇALVES, U. S. **História oral: práticas sociais e produção cultural no bairro do Passo de São Borja - RS**. 2014. 49 p. Graduação (Relações Públicas) - Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2014.

HEIDRICH, Á. L. Estratégias e problemas da ocupação irregular em Porto Alegre. **14º Encontro**

# Geógrafas e Trajetórias

## Múltiplas Pesquisas

de **Geógrafos de América Latina**, p. 1-20, 2013.

JESUS, C. M de. **Quarto de Despejo**: Diário de uma Favelada. 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 2019.

JESUS, C. M. de. **Casa de Alvenaria**: Osasco. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RIZZATTI, M. BATISTA, N. L. SPODE, P. L. C. BRANDS, A. R. SANTOS, G. M. F. de. Entrelaçamentos Entre Urbano e Rural: O caso de Estrela Velha no Rio Grande do Sul, Brasil. **Caderno de Geografia**, v. 34, p. 1399-1417, 2022.

SMDS divulga horário de funcionamento dos CRAS do município. **Prefeitura Municipal de São Borja**, 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/fkxM2>. Acesso em 25. nov. 2023.

SEBRAE. Perfil das cidades gaúchas - São Borja. 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/dorQ1>. Acesso em 25. nov. 2023.